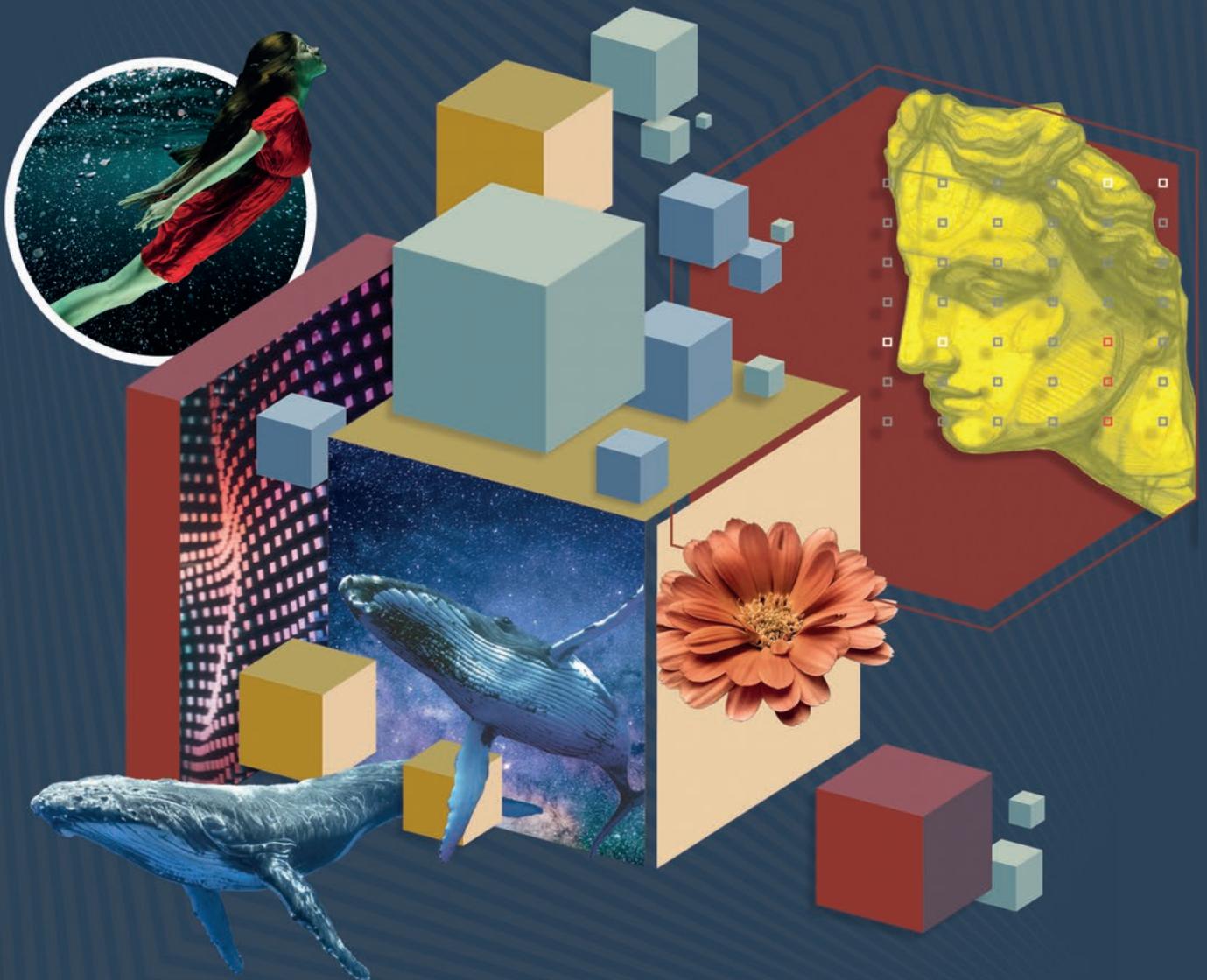


# LATITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO

## A expressão como manifestação **artística** humana *universal*



# Ficha Técnica

Proprietário	Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE)
Diretora	Diretora-Geral da DGAE, Susana Castanheira Lopes
Editora Executiva	Diretora de Serviços da DSEEPE, Paula Marinho Teixeira Alves
Revisão de Conteúdos	Ana Margarida Madeira (DGAE) Fátima Lopes (DGAE)
Design Gráfico e Paginação	Mário Louro (DGAE)
Execução Gráfica	CMVA Print, Produção Gráfica
Colaboradores	Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE)
Periodicidade	Trimestral
Sede de Redação	DGAE – Avenida 24 de julho, 142, 1399-024 Lisboa

## Agradecimento

Uma mensagem de agradecimento a todos os que colaboraram na redação dos artigos subordinados ao tema desta edição e a todos os que contribuem para que este projeto continue a ser possível.

Um agradecimento especial à Senhora Diretora-Geral da DGAE, Dra. Susana Castanheira Lopes, por ter acedido tão prontamente ao convite formulado para a redação do Editorial, no âmbito da expressão artística como veículo de beleza, harmonia e criação de laços interculturais.

A DSEEPE deseja a toda a comunidade escolar de todas as Escolas, um ano repleto de concretizações pessoais e profissionais.

A Editora Executiva

Os artigos que compõem esta edição são da autoria de elementos da Direção/Professores/Técnicos Especializados das várias escolas, públicas e privadas, com currículo português, sediadas nos vários países indicados.

Isenta de Registo na E.R.C., ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, artigo 12.º, n.º 1, alínea b).

# Editorial

”

(...) como quem olha um território vasto que, apesar de deserto, pode ver daí nascer um pinhal.

Nuno Tovar de Lemos



A chegada de um Novo Ano transporta sempre consigo esperanças renovadas, estabelecimento de objetivos de vida, votos latentes de que o que foi menos bom não se volte a repetir. E aqui refiro-me, por exemplo, às pandemias, às alterações climáticas e aos conflitos armados, em que os tempos recentes têm sido pródigos.

E ainda que o cidadão comum, enquanto indivíduo, se sinta aparentemente incapaz de controlar tais situações, o que é facto é que cada um de nós pode, e deve, dar o seu contributo (ainda que à primeira vista possa parecer mínimo), senão para a supressão, para a minimização dos efeitos que qualquer destes grandes problemas globais tem em todos.

As Escolas Portuguesas na Estrangeiro (EPE), pelas suas diferentes geografias, revelam-se núcleos educativos privilegiados para serem construtores destes pequenos contributos e para se fazerem ouvir. Pela sua vocação e missão e pela singularidade das suas culturas, dispõem dos mais ricos recursos humanos – os seus alunos, os seus professores, o seu pessoal não docente, as suas direções e demais comunidade educativa – para gerarem sinergia e criarem a diferença, configurando-se aqui a expressão artística como um veículo excecional para tal.

Assume-se, neste caso, expressão artística enquanto qualquer “tipo de exploração criativa e de busca de emoções e reações através da arte”, enquanto “uma forma de o ser humano expressar as suas emoções, a sua história e a sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio”, logo a exteriorização do sentir do indivíduo face aos desafios existenciais a que possa estar ou ter sido sujeito. A expressão artística poderá assim funcionar como forma de comunicação das nossas EPE, capaz de influenciar outros, uma vez que transmite os sentimentos, valores, emoções, modos de pensar dos nossos alunos, a quem estamos a ajudar a tornarem-se cidadãos de pleno poder num futuro muito próximo.

É, pois, este o desiderato da presente mensagem de Ano Novo, que se pretende arauto de renovação, renascimento, regeneração, para todos e para cada um de nós.

A todos vós, Alunos, Professores, Pessoal não Docente e Famílias, desejo um ano cheio de esperança, olhando para ele como refere Nuno Tovar de Lemos, “como quem olha um território vasto que, apesar de deserto, pode ver daí nascer um pinhal”.

Susana Castanheira Lopes,  
Diretora-Geral da DGAE

# Índice

## Editorial

**Susana Castanheira Lopes** 03  
Diretora-Geral da DGAE

## Destaques

23.º aniversário da  
Escola Portuguesa de  
Moçambique 56

Visita do Secretário de  
Estado da Educação 56

Fundação Calouste  
Gulbenkian 57

Amália Rodrigues 57

José Saramago 58

Exposição de Aquarelas 58

V Centenário da  
Viagem de Magalhães 59

III Edição do Curso  
de Formação 59

## Angola 06

Escola Portuguesa de Luanda-CELP	07
Colégio Dante Alighieri	12
Colégio Pequenos Príncipes	14
Colégio São Francisco de Assis	17
Colégio Educ'Arte	18
Escola Portuguesa do Lubango	22
Escola Portuguesa de Lunda Sul	24
Colégio Português de Angola	27
Escola Camilo Castelo Branco	28
Colégio Atlântico	29

## Cabo Verde 30

Escola Portuguesa do Mindelo	31
------------------------------	----

## Guiné-Bissau 36

Escola Portuguesa da Guiné-Bissau	37
-----------------------------------	----

## Macau 39

Escola Portuguesa de Macau	40
----------------------------	----

## Moçambique 42

Escola Portuguesa da Beira	43
Colégio Internacional Lusíadas	45

## São Tomé e Príncipe 48

Escola Portuguesa de S. Tomé e Príncipe-CELP	49
Escola Bambino	52



# Angola



# Alda Lara e a Escola Portuguesa de Luanda

Escola Portuguesa de Luanda-CELP

Quem era Alda Lara?

Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque, conhecida como Alda Lara, angolana, mulher, mãe, médica, ensaísta, ativista política e poetisa... Tudo isto numa vida tão curta.

Os seus poemas foram publicados após a sua morte nos seguintes livros: Antologia de poesias angolanas (1958), Mostra de poesias (1959), Anthologia da Terra Portuguesa (1960-1961) e Poemas (1966, 1979, 1984).

Toda a sua obra enaltece as belezas do continente, o sonho que é portador de extrema esperança, recheada de ideais como justiça, fraternidade/solidariedade, amor, paz e generosidade.

Toda a força desse sonho percorre a sua obra.

A sua poesia também reflete a sua vida, a saudade da terra e das suas gentes, dos lugares da infância, dos amigos e as expectativas de um futuro para Angola, em que pretendia participar.

Poetisa da Geração Mensagem, Alda foi uma mensageira da sociedade civil, uma voz feminina de grande sensibilidade, a voz da mulher, da mãe, da mãe África.

Como disse o seu marido, Orlando de Albuquerque, "Alda era a própria imagem da ternura, ou melhor, a mulher feita ternura. E a sua poesia é isso mesmo. A sua poesia é ela própria em corpo inteiro, com todo o seu amor ao próximo, a sua humanidade generosa, as suas dúvidas, os seus problemas, os seus momentos eufóricos de amor a esta terra, que ela amava até ao extremo."

Em reconhecimento à sua obra, mas também à sua paixão por Angola, a Escola Portuguesa de Luanda atribuiu o nome de Alda Lara à Biblioteca Escolar.

A cerimónia teve lugar no dia 5 de outubro, no 36.º aniversário da Escola Portuguesa, com a presença do Sr. Embaixador de Portugal em Angola, Dr. Francisco Alegre Duarte, e o filho da autora, Dr. Pedro Albuquerque.

Maria Teresa Félix,  
Professora Bibliotecária



“Sim!, ainda sou a mesma.  
A do amor transbordando  
pelos carregadores do cais  
suados e confusos,  
pelos bairros imundos e dormentes  
pelos meninos  
de barriga inchada e olhos fundos  
[...]  
Minha terra...  
Minha, eternamente...  
Terra das acácias,  
dos dongos,  
dos cólios baloiçando, mansamente...  
Terra!  
[...]

Presença Africana, 1953

# Álvaro Macieira, Pintor das tradições e dos ritmos de Angola

Álvaro Macieira nasceu a 13 de Maio de 1958, na vila de Sanza-Pombo, na Província do Uíge, no Norte de Angola. O seu percurso de vida pautou-se por um interesse inato pela arte. A nível profissional, começou como jornalista, mais tarde a paixão pela arte e pelo seu país tornou-o escritor e artista plástico.

Foi Editor de Cultura na ANGOP (Agência Angola Press), colaborou para a Rádio Nacional de Angola, com a TPA - Televisão Pública de Angola e com a Tribuna Cultural da BBC - Londres, em Língua Portuguesa. É membro da UEA - União dos Escritores Angolanos e da UNAP - União Nacional de Artistas Plásticos.

Nas obras literárias destacam-se "Cantos de Amor" (1992) e "Séculos de Amor" (2005), obras de poesia e "Castro Soromenho: Cinco Depoimentos" (1988). Este livro descreve a vida e obra de Castro Soromenho através de vários testemunhos, entre os quais o olhar da filha, Stella Soromenho. Conta as recordações do seu amigo Carlos Serrano e apresenta a sua obra vista por Óscar Lopes, incluindo, também, um relato da época de exílio em França por Paulo Teixeira Jorge. Conta, ainda, com o depoimento de Carlos Alberto Iannone que defendeu em tese a obra do escritor.

A sua paixão antiga pela pintura transformou-se em amor em 1998. A inspiração para as suas obras

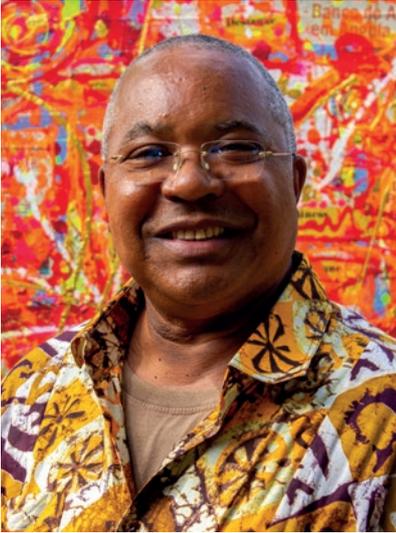
pictóricas é a poesia, é a filosofia dos provérbios, são os contos, são as histórias que ouviu da sua infância, são as artes e as tradições africanas. No seu percurso conta com muitas exposições individuais e coletivas. A sua primeira exposição, "África Mitológica", foi apresentada no Centro Cultural Português, em Luanda em 1999, inspirada nas mitologias angolanas e africanas. Seguiram-se as exposições "Terra Una" e "Signos da Terra", apresentadas no Salão Internacional de Exposições do Museu de História Natural, fortificando a ideia da unidade nacional. Em 2002 a exposição de pintura "Catanas da Paz" simbolizou o primeiro 4 de Fevereiro vivido, em paz, pelos angolanos. As obras do projeto "Terra Azul" de



"Angola Kanawa" (Angola obrigado), da série "Memórias da Lunda"; tinta acrílica sobre tela. 100x100cm. Ano: 2019.



A inspiração para as suas obras pictóricas é a poesia, é a filosofia dos provérbios, são os contos, são as histórias que ouviu da sua infância, são as artes e as tradições africanas.



O pintor Álvaro Macieira fotografado por Osvaldo Silva, em Luanda. Em segundo plano a tela abstrata com o título “Angola Nossa Herança”; técnica mista sobre tela. 100x100cm. Ano: 2019

2003, apresentada no átrio da sede do BPC - Banco de Poupança e Crédito foram depois distribuídas pelas várias dependências do Banco por todo o país. “Mabo-Meto”, a exposição itinerante com o pintor alemão Horst Poppe (1943-2011), com quem fundou em 2001 o Grupo Conexão Cultural, inscreve-se numa experiência de oito anos de intercâmbio e diálogo artístico quer na Alemanha, quer em Angola. Álvaro Macieira e Horst Poppe fizeram várias exposições e pintaram mais de uma centena de obras conjuntas de pequenas e grandes dimensões. Três das suas obras estiveram expostas no Nord Art 2009, em Randsburg. Em 2016, com Paulo Amaral e em homenagem a Horst Poppe, realizou o projeto “Artefactos Partilhados”, também no Instituto Camões de Luanda. Em 2020 apresenta a exposição “Sínteses - um artista, múltiplas linguagens” que tem, como paradigma central, a sintetização das diversas linguagens usadas ao longo

da sua carreira. As suas obras fazem parte de várias coleções públicas e privadas em vários países do mundo. Em março de 2022 aceitou o convite da Escola Portuguesa de Luanda para participar na Semana das Expressões, para expor algumas das suas obras e para dinamizar um workshop de demonstração de técnicas de pintura aos alunos do 9.º ano.

A obra de Álvaro Macieira é um hino à nação angolana, é fortemente inspirada nas suas tradições e costumes, repletas de simbologia do poder tradicional e nas suas máscaras e estatuetas. O traçado e as cores das suas obras são tão vibrantes e ritmados, que nos remetem para o frenesim das danças tradicionais. Tudo na obra pictórica de Álvaro Macieira grita Angola e o imenso amor que tem pela sua pátria.

Sónia Nédio,  
Professora de Geometria Descritiva



“Angola Terra Quente”; tinta acrílica sobre tela. 100x100cm. Ano: 2019.



## Cecília Martins, a Artista da Escola

É um nome incontornável no campo da expressão artística pelo seu dom de educar a comunidade escolar para as artes nas suas diversas formas. Conhecida na sua área como uma referência, carismática, gentil e incansável no que diz respeito a colocar a arte como peça fundamental no processo educativo, desde tenra idade. Estamos a falar de Cecília Martins, professora de Artes Visuais na Escola Portuguesa de Luanda.

Quando, há trinta anos, a professora Cecília Martins chegou à EPL, não tinha uma sala atribuída. Foi adaptado um armazém que ela transformou num centro de arte para todos. Era ali que tudo se passava: preparavam-se as exposições, as récitas, os desfiles de Carnaval, as festas de Natal e todos os momentos festivos da escola.

Como o espaço na escola antiga era muito reduzido, as exposições eram no ginásio. A professora Cecília nunca se conformou com esta limitação e procurou espaços, fora da escola, para as obras dos seus pequenos artistas.

Deste modo, a Associação 25 de abril e as Instalações do Mabílio de Albuquerque, na baixa de Luanda, passaram a ser palco de diversas exposições, visitadas por muitos luandenses, ávidos de eventos culturais.

Preparava tudo ao pormenor, os convites para os pais, para a Embaixada de Portugal em Angola, para o Ministério da Educação de Angola. Foi e é uma verdadeira “embaixadora” da Escola Portuguesa de Luanda.

As suas exposições eram brindadas com a presença do Embaixador de Portugal, do Adido Cultural da Embaixada de Portugal e de representantes do Governo de Angola.

A convite do Adido Cultural da Embaixada de Portugal em Angola, a partir de 2011, as suas exposições “Arte na Escola” passaram a ser no Centro Cultural da Embaixada de Portugal e constam das comemorações do “Dia de Portugal e das Comunidades”.

É a professora Cecília que recebe pessoalmente, e de forma carinhosa, os visitantes das exposições que são sempre uma surpresa. A diversidade dos materiais utilizados (cerâmica, cestaria em papel, Batik, entre outros mais tradicionais), assim como a natureza dos temas abordados, resultam em obras feitas pelos seus pequenos artistas que a encantam.

Nas feiras de Natal, que acontecem anualmente no recinto escolar, a professora Cecília e os seus artistas preparam cuidadosamente a

”

O encanto pelas artes esteve sempre presente na minha vida (...) tanto que me licenciiei em Artes, e tudo começou numa escola que era uma rua, numa pequena sala de aula improvisada e com o material que havia na altura: meia dúzia de guaches, pincéis descabelados, cola branca e jornal velho.

decoreção natalícia do espaço escolar e é a grande animadora do leilão de “obras de arte” pintadas pelos pequenos artistas.

Parabéns professora Cecília, pelo seu talento para educar a nossa comunidade para a expressão artística!

Depoimento de uma ex-aluna:  
“a Professora Cecília foi a primeira pessoa que me pôs em contacto com a arte. A liberdade de expressão através das cores, das formas e dos materiais, foi isto que a minha Professora Cecília me ensinou quando

tinha apenas 5 anos de idade. O encanto pelas artes esteve sempre presente na minha vida tanto pessoal, como académica, tanto que me licenciiei em Artes, e tudo começou numa escola que era uma rua, numa pequena sala de aula improvisada e com o material que havia na altura: meia dúzia de guaches, pincéis descabelados, cola branca e jornal velho - e com a Professora mais doce e paciente que tive a sorte de ter. Era, sem dúvida, a melhor aula de todas!”

Maria Inês Sousa



Trabalhos realizados pelos alunos.



Trabalhos realizados pelos alunos.

## **Pelenda (artista plástico), Do lixo à arte plástica**

Colégio Dante Alighieri

Pelenda aceitou, com entusiasmo, o convite para conversar, com os alunos do Colégio Dante Alighieri, sobre o seu percurso artístico e dinamizar uma atividade plástica a partir de materiais reciclados levados pelos alunos.

Pelenda contou, de forma humilde e corajosa, algumas histórias da sua infância dura e de perseverança, mas sempre na perseguição dos seus objetivos e sonhos. Relatou os vários trabalhos que ocupou para assegurar a sua sobrevivência, uma vez que, infelizmente, não teve a desejada e merecida vida de criança.

O seu percurso artístico iniciou com o Movimento dos Artistas Livres (M.A.L.), grupo de angolanos, que têm em comum o gosto pelas artes de áreas diversas. Mais tarde, a Fundação Arte e Cultura também desempenhou um papel importante no seu percurso, uma vez que foi um espaço de acolhimento e aprendizagem individual e coletiva.

Assim, Pelenda encontrou a arte como expressão e libertação do seu sinuoso percurso e da realidade envolvente que sempre viveu de forma intensa e intimista - Quando a pessoa está desesperada, encontra na Arte a Paz, a Alegria e muitos sorrisos...aí temos a



Obra coletiva guardada na memória dos alunos e num recinto especial do colégio.

disponibilidade de escutar e valorizar o Outro, de promover a valorização das pessoas; a Arte muda o Ser para o Bem, dá-lhes Confiança e abre-lhes horizontes.

Através da arte, Pelenda conseguiu expulsar as suas inquietações e encontrar formas de expressar outros encantos pelos quais valia a pena lutar – “Eu fiquei focado no meu objetivo de conseguir viver para e pela Arte que faz parte da minha história de vida.”

O trabalho deste artista é uma chamada de atenção para o grave problema ambiental e de sustentabilidade do planeta. Esta foi a mensagem que quis trazer aos alunos e deixar a semente de que é possível ter impacto na nossa vida e na dos outros e, em simultâneo, respeitar a Natureza.

Os alunos, cheios de curiosidade, colocaram uma série de questões pertinentes sobre a trajetória da vida do artista que se iniciou desde muito cedo; aos 12 anos de idade já tinha a sua primeira obra reconhecida – tendo convites para apresentar as minhas obras em vários países: Brasil Alemanha, Áustria...sou um artista angolano, com obras espalhadas pelo mundo, o que me faz sentir feliz e realizado.

Pelenda, conseguiu contagiar os alunos e, no espaço exterior, juntos, puseram mãos à obra, ou melhor, no lixo e começaram um novo processo criativo de transformação – rasgaram papéis, cortaram plásticos, colaram resíduos vários, amassaram latas, pregaram no suporte de madeira e...deram uma VIDA renovada aos desperdícios que trouxeram para a escola. Nada se perde, mas tudo se transforma!

Isabel Oliveira,  
Professora de Português

”

Eu fiquei focado no meu objetivo de conseguir viver para e pela Arte que faz parte da minha história de vida.



Preparação dos materiais reciclados para pôr mãos à obra.



## Um artista do Mundo em Luanda!

### Colégio Pequenos Príncipes

A expressão artística é uma manifestação humana universal e importante para o desenvolvimento das crianças. Desta forma, é também um estímulo positivo para a criatividade e para o alargamento de competências sobre perspetivas diferentes do quotidiano e do meio envolvente.

Para contribuir para um bom desenvolvimento e conhecimento da arte nas crianças, as turmas do 1.º ano desfrutaram da oportunidade de realizar uma visita de estudo a uma exposição, onde ficaram a conhecer algumas das obras de Binelde Hyrcan. Nesta exposição, depararam-se não só com uma instalação de bidões, tão utilizados na cultura angolana, como com quadros pintados pelo artista. Para complementar a visita, os alunos foram convidados a ser artistas e a recrearem as obras de Binelde através do desenho.

Posteriormente, os alunos tiveram a oportunidade de receber o artista no Colégio e conversar com o mesmo, colocando-lhe algumas questões que os ajudassem a conhecer mais sobre si e do seu percurso pessoal e profissional.

**Alunos (A): Quantos anos tem?**  
Tenho 40 anos.

**A: Qual a sua nacionalidade?**  
Sou angolano.

**A: Sempre viveu em Angola?**  
Nasci na ilha, fui para França e depois fui para o Mónaco.

**A: O que é ser artista?**

É mostrar tudo aquilo que tu pensas e que às vezes tens medo de mostrar e de fazer. Por exemplo, uma vez saí de Lisboa e fui até Paris a caminhar com uma mochila, então fiz um livro.

**A: Quando surgiu o interesse pela arte?**

Quando era criança.

**A: Quando começou a ser artista?**

Quando eu era criança a minha mãe metia-me de castigo debaixo de uma máquina de costura. Então, eu aprendi a fazer roupas para as galinhas. Também fabricava bicicletas e gostava de desenhar. Foi aí que comecei a ter paixão pela arte, mas acho que a arte também nos escolhe. Depois desenvolvi isso na infância, como um hobby.

**A: O que gosta de pintar?**

Gosto de desenhar. Gosto de desenhar tudo o que penso e às vezes galinhas.

**A: O que gosta de fazer nos tempos livres?**

Gosto de fazer Kitesurf.

**A: Como se lembrou de utilizar os bidões na arte?**

Porque está muito presente o bidão na nossa vida. O bidão também é um problema, porque quando se vê as pessoas a acartar a água, quer dizer que não têm água em casa e existem muitas pessoas que não têm água em casa. Por isso é que não devemos desperdiçá-la.

Turmas e professoras titulares do 1.º ano

## Escola, Impulsionadora de Tradições Xicola, dya jola dya malunda

(tradução em Kimbundu)

A cultura é o alimento da educação. A escola é um espaço de trocas culturais, é um lugar de propagação e interação da cultura e do conhecimento. A educação não é apenas transmissão de informações, mas também proporcionadora de vivências multiculturais.

No âmbito destas vivências, porque não retratar o momento partilhado por uma Educadora do Colégio Pequenos

Príncipes com os seus alunos?

"Angola, minha terra, minha casa. Falar de Angola, é falar da minha infância. Falar das memórias guardadas e da alegria de ser criança.

Falar de Angola é fechar os olhos e sentir o cheiro da chuva, o som das águas-fortes a correr pelas folhas das árvores do quintal do meu avô. O sabor da manga, o cheirinho do sape sape e do abacate.



Exposição dos instrumentos musicais.

É como se ao som da marimba e do batuque o meu coração dançasse. Falar de Angola e lembrar o prazer de ouvir as histórias dos adultos nos quintais.

Ouvir atentamente as lendas que a minha avó contava em português ou em dialeto, todos sentados ao redor de uma pequena luz de um simples candeeiro de petróleo. Lendas e canções que um dia quero contar aos meus filhos, para que eles possam saber quem foi Kianda, quem foi a rainha do mar. E no final, poder ensinar as receitas tradicionais da minha terra, da minha casa, da minha Angola. Como por exemplo, o bolo de banana que a minha avó fazia ao fim-de-semana.

Falar de Angola é enaltecer o hino com lágrimas nos olhos, é dançar ao ritmo do Semba e da Kizomba.

Falar de Angola é desenhar com um simples lápis de carvão ou construir um avião de lata ou de papelão. Falar de Angola é recordar para sempre que um simples lugar, como a casa do meu avô, era o lugar mais importante para estar.”

Este momento serviu de mote para dar continuidade a este testemunho tão emocionante. Desta forma abrimos as portas do nosso Colégio para que as famílias pudessem partilhar com as crianças um pouco das suas memórias.

Numa manhã quente de verão, toda a comunidade escolar se reuniu no pátio exterior para experienciar momentos de música, gastronomia e lendas tradicionais.

Ao som do Ungo (Berimbau), Batuque (Tambor), Pandeiro (Pandeireta) as crianças tocaram, cantaram e conheceram um pouco da história dos referidos instrumentos.

Para surpresa de todos, surgiu a avó Nide, com um vestido rico em cores vivas, que nos presenteou com a lenda do “Jacaré Bangão”, alimentando e enriquecendo o imaginário dos nossos pequenos com a moral de que, a vaidade não nos leva a lado nenhum.

Para adoçar ainda mais este momento, a mãe Yeda trouxe-nos algumas imagens de pratos e frutas típicas de Angola, terminando esta experiência com a confeção do típico bolo de banana.

O desenvolvimento contextualizado e articulado destes saberes permite à criança conhecer as características da sua e de outras comunidades, os seus hábitos, costumes, tradições e elementos do património cultural, facilitando o desenvolvimento de atitudes de respeito e compreensão face à diversidade.

Equipa Pedagógica do  
Colégio Pequenos Príncipes



Exploração dos Instrumentos.



A lenda do “Jacaré Bangão”.



## Costumes e tradições no meu país

Colégio São Francisco de Assis

Angola é hoje um país multicultural e multirracional que alia as tradições dos povos indígenas a costumes mais modernos e adaptados aos tempos em que vivemos.

A mistura com outras culturas espelha-se na riqueza artística cultural. Na música, por exemplo, aos ritmos africanos do kizomba, semba, rebita, entre outros, juntam-se os novos estilos como o zouk e o kuduro, que tanto animam as noites africanas.

Em Angola, como na maioria da arte africana, as máscaras de madeira e as esculturas são criações que têm um papel importante em rituais culturais, representando a vida e a morte, a passagem da infância à vida adulta, a celebração de uma nova colheita e o começo da estação da caça. Os artesãos angolanos trabalham madeira, bronze e marfim, nas máscaras ou em esculturas. Cada grupo etno-linguístico em Angola tem seus próprios traços artísticos originais. Talvez a peça mais famosa da arte angolana seja o “Pensador de Cokwe”, muito apreciada não só pelos angolanos, como pelos estrangeiros, sendo uma das peças de artesanato mais vendidas.

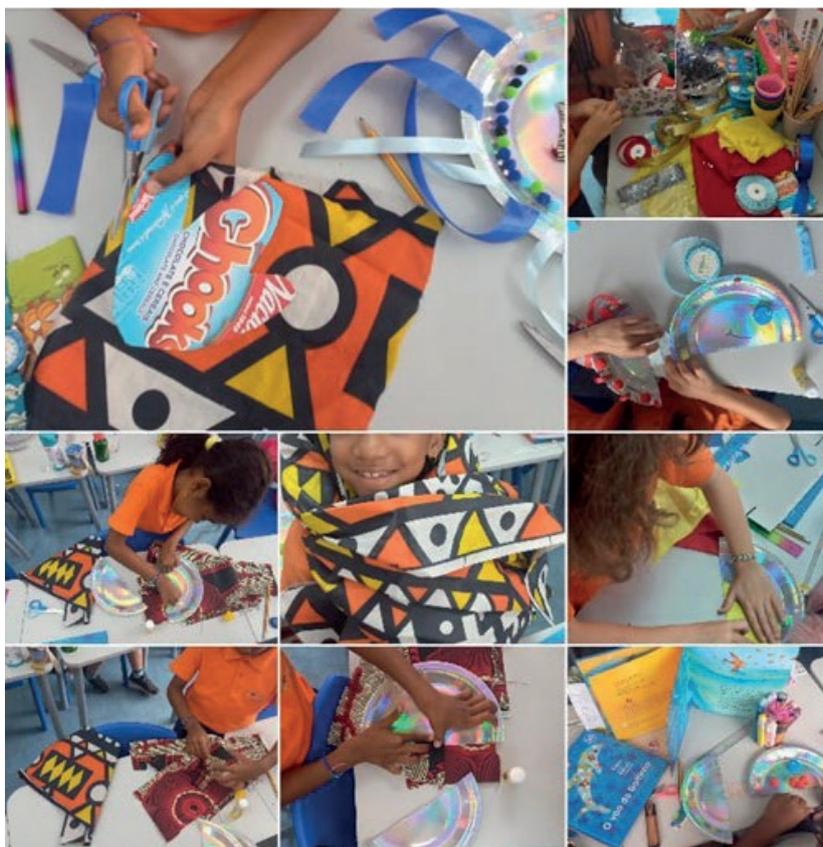
A alegria natural do povo angolano encontra a sua expressão em festas

populares, das quais o Carnaval parece ser o expoente máximo, assumindo-se como a maior festa do povo em Angola. Comemorado em todo o país, grupos lúdicos participam em espetaculares desfiles de carros alegóricos competindo uns com os outros.

Em Luanda o destaque do Carnaval é a presença de símbolos do passado e do presente de Angola, que se fundem numa explosão de alegria e ritmos musicais.

Também no Colégio S. Francisco de Assis Luanda Sul se contemplam estes festejos no nosso Plano Anual de Atividades. É sempre com alegria que se pensam os temas para cada sala, se preparam os adereços, se envolvem as famílias na preparação das fantasias de carnaval. Os alunos mais novos gostam muito, pois é sempre um dia muito divertido, que lhes permite dar largas à imaginação vivendo papéis diferentes! Os alunos mais velhos apreciam o desfile dos mais novos e aproveitam o momento de festa que se segue. Também no nosso colégio se vive no carnaval a explosão de alegria e festa próprias desta tradição que se festeja um pouco por todo o país!

Aurora Valois,  
Diretora Pedagógica



Concretização dos trabalhos de expressão artística:  
Golfinhos Voadores.

## Vamos escolher um artista deste país: a pessoa e a sua obra

Colégio Educ' Arte

A literatura preenche o imaginário das crianças e invade o quotidiano de todos os seus apreciadores. No entanto, ao recuar no tempo testemunhar-se-á as suas diversas transformações. Segundo Aguiar e Silva (2000), etimologicamente, o termo literatura deriva do latim *litteratura*, a partir de *littera* letra. Não obstante à raiz da palavra este conceito é fortemente polissémico devido à pluralidade de conceitos que apresenta.

De acordo com o mesmo autor, a literatura pertence ao campo das artes – arte verbal – e o seu meio de expressão é a palavra que está comumente associada à ideia de valor estético. Foi ao longo do século XVIII que a literatura passou a adquirir um sentido mais concreto, interligando-se particularmente às belas-artes, ganhando assim uma conotação estética e passando a denominar-se a arte que se exprime pela palavra (Matos, 2001).

Nesta perspetiva, a literatura não só é considerada a arte das palavras e a herança de uma cultura, como significa também o conhecimento sistematizado científico do fenómeno literário, tratando-se de um significado caracteristicamente universitário do lexema e ocorrendo em sintagmas como *literatura comparada* e *literatura geral*.

O contacto com a leitura deve estar presente no quotidiano dos pequenos leitores deixando, assim, de assumir um papel de mera pontualidade. Segundo Bernardes e Mateus (2013) os livros desta categoria podem ser vistos como laboratórios linguísticos que atendem diversas potencialidades da língua materna, adquiridas inconscientemente. Nesta linha de pensamento, Aguiar e Silva (2000) salienta que todo o fenómeno artístico constitui um peculiar fenómeno comunicativo reconhecendo a todas as artes um estatuto comunicacional diferenciado,

”

Foi ao longo do século XVIII que a literatura passou a adquirir um sentido mais concreto, interligando-se particularmente às belas-artes, ganhando assim uma conotação estética e passando a denominar-se a arte que se exprime pela palavra

(Matos, 2001).



O escritor africano Ndal de Almeida, conhecido como Ondjaki, nasceu na cidade de Luanda, em 1977. A sua trajetória artística passa não só pela escrita como também pela atuação teatral, pintura e artes plásticas. Para além de tudo, Ondjaki também é cineasta. Autor de roteiros cinematográficos, não deixou passar a oportunidade de codirigir, em 2006, ao lado de Kiluanje Liberdade, um documentário que aborda sua cidade natal, *Oxalá cresçam pitangas - histórias da Luanda*, fruto de uma parceria entre Angola e Portugal.

Após realizar os seus primeiros estudos em Angola, obtém a licenciatura em Sociologia na capital portuguesa. Em 2000 o grande poeta conquista a segunda posição no concurso literário angolano António Jacinto, e lança seu primeiro volume poético, *Actu Sanguineu*.

Ondjaki obteve o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco 2007, com a obra *Os da Minha Rua*. Na Etiópia ele foi reconhecido com o prêmio Grinzane for BEST African Writer 2008.

Ondjaki integra a União dos Escritores Angolanos e a Associação Protetora do Anonimato dos Gambuzinos.

cuja diferenciação “(...) funde-se na natureza diversa dos signos constituintes do sistema semiótico de cada arte, na heterogeneidade dos códigos, dos canais, dos mecanismos de receção e dos fatores pragmáticos atuantes em cada arte (...)” (p.196). Dada a solidariedade semiótica com o sistema de comunicação – a linguagem verbal – reconhece-se à literatura, a sensibilidade e a simbologia que representam o mundo fictício, carregado de valores e temáticas socioculturais, ideologias edificadoras e dimensões éticas e morais.

Cabe, neste momento, especificar cada uma delas, apresentando as metodologias voltadas para cada uma. Por um lado, a Educação pela Arte é a arte como globalização das Artes, como meio de Educação, de formação e equilíbrio da personalidade. Por outro lado, as Artes na Educação referem a expressão e criação artística numa dada arte específica ou no ensino e aprendizagem de técnicas artísticas (Sousa, 2003). Nesta ótica, se continuarem a apostar exclusivamente nas sugestões dos manuais escolares, a educação artística integrada não passará de uma crença metodológica. Segundo o estudo de Silva (2005), alguns títulos merecem uma atenção sistemática,

pelo facto de evidenciarem uma expressiva articulação entre a componente icónica e a componente linguística, apontando para a narrativa como o conjunto de estratégias textuais e visuais que provocam uma inovação semântica, valorizada no domínio da leitura. Assim, o texto poderá agora sublinhar, qualificar, brincar, com sugestões fônicas e propor imagens, facultando experiências que apresentam um vasto valor educativo em relação com a formação de leitores literários competentes.

Nesta linha de pensamento, a aula de Português tem como eixo central os textos, literários e não literários, e é a partir deles que a aula se organiza e desenvolve. O contacto com a diversidade de textos é crucial para desenvolver competências de leitura, estabelecendo um diálogo entre o leitor e o texto, conhecer autores, contactar com diferentes tipos de culturas, ampliar vocabulário, idiomas e expressões provenientes a construir conhecimentos tendo uma atitude de empatia perante o mundo e os outros.

Neste propósito, o Colégio Educ'Arte destacou atividades cujo fio condutor se desenrola em torno de obras literárias de autores angolanos como



Finalização dos trabalhos realizados pela turma.

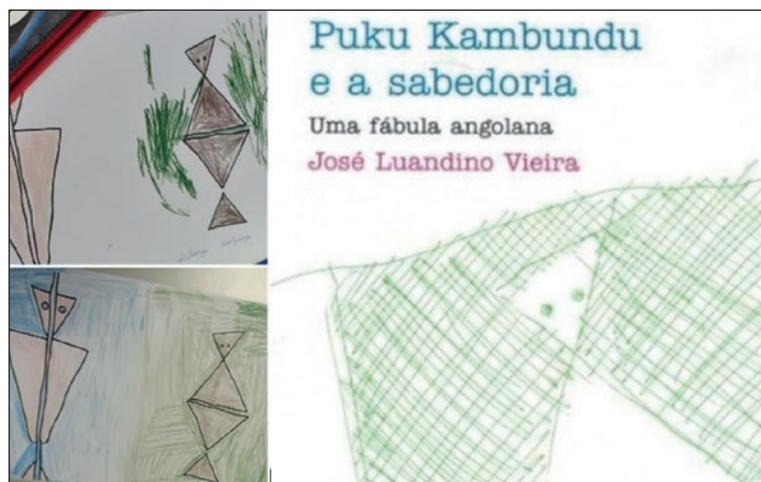
José Luandino Vieira e Ondjaki, uma vez que considerámos que a raiz da literatura deve estar articulada com a sua cultura, envolvendo a herança das palavras e dos signos linguísticos.

Ao longo das atividades propostas, as ilustrações foram uma mais-valia, na medida em que facilitaram a interpretação dos nossos leitores. Assim, as atividades articularam a vertente cognitiva e cultural, acabando por influenciar o modo como o leitor interpreta e interage com o texto literário, salvaguardando o cruzamento entre a literatura

portuguesa e a literatura angolana. Neste sentido, o foco esteve voltado para reflexões acerca das interpretações, não só do texto, mas também das próprias ilustrações, acabando por fomentar nos(as) alunos(as) o pensamento crítico e criativo. No término das atividades constatámos que as inferências retiradas de um texto literário são influenciadas pelo próprio contexto e interferem no modo como o leitor idealiza o mundo. O protocolo do mundo ficcional não deverá proibir o leitor de captar a realidade, pois o seu principal objetivo é criar negociações entre leitor e texto.



Leitura expressiva da obra O voo do Golfinho, de Ondjaki.



Obra Puku Kambundu e a Sabedoria, de José Luandino Vieira e trabalhos ilustrativos.



Português de nascimento, passou a juventude em Luanda, onde concluiu os estudos secundários.

Foi diretor da Televisão Popular de Angola, de 1975 a 1978, diretor do Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA, até 1979 e diretor do Instituto Angolano de Cinema, de 1979 a 1984.

Participou na fundação da União dos Escritores Angolanos, de que foi Secretário-Geral. Foi também Secretário-Geral Adjunto da Associação dos Escritores Afroasiáticos entre 1979 a 1984.

Em 2006 foi-lhe atribuído o Prémio Camões, o maior galardão literário para a língua portuguesa. Contudo, recusou o prémio alegando «motivos íntimos e pessoais», segundo um comunicado de imprensa. Entrevistas posteriores, sobretudo ao Jornal de Letras, Artes & Ideias, esclareciam que o autor não aceitara o prémio por se considerar um escritor morto e, como tal, o Prémio deveria ser entregue a alguém que continuasse a produzir. Ainda assim publicou dois livros em 2006.

# Hoje vamos falar sobre costumes e tradições do meu país



As tradições correspondem a um conjunto de costumes, memórias, lendas, etc, transmitidos de geração em geração e que, afinal, tecem a cultura de um país.

O filósofo Olavo de Carvalho escreveu que a “Cultura não é só aquisição de conhecimento, é a formação de uma personalidade ao mesmo tempo arraigada na realidade histórico-social concreta e capaz de transcendê-la intelectualmente.”

Os costumes e as tradições de um país são o que o caracterizam, que o tornam singular, familiar e com significado, dando identidade ao povo e criando memórias únicas e felizes. As tradições são peças fundamentais na nossa formação, são elas que dão estrutura e fundamento à sociedade que pertencemos. Os saberes, valores, músicas, danças, gastronomia, lendas e a forma de ser lembram-nos que somos parte de uma história, a qual assenta num passado que delineará o nosso presente e quem seremos no futuro.

Os alunos do Colégio Educ’Arte envolveram-se num projeto, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Angola, no qual criaram percursos/itinerários que poderão ser feitos ao longo das várias províncias. O trabalho teve por base o livro “À Descoberta de Angola” e os grupos fizeram flyers com o percurso. Nele estão contempladas informações sobre distâncias entre cada paragem e locais a visitar. É possível visualizar o mapa de cada percurso, bem como sugestões de festividades que acontecem ao longo do ano em cada província. Através de fotografias e das diversas informações contempladas é possível captar a essência de muitas das províncias, bem como os seus costumes e tradições. Focando agora a atenção no percurso Lubango » Namibe, os alunos colocam como sugestão a Festa do Mar, que se realiza todos os anos, no mês de março e é celebrada através de eventos musicais, provas desportivas e corridas de automobilismo.

É possível visitar o Parque Nacional de Iona, um gigantesco parque que ocupa mais de 15 000 quilómetros quadrados e, no qual, é possível encontrar rinocerontes negros, leões, elefantes e a planta única, que só existe nesta parte do planeta e que pode viver mais de mil anos, a Welwitschia Mirabilis.

Angola é um país de uma riqueza cultural que se manifesta de diferentes formas. Ao longo das dezoito províncias é possível reconhecer diferentes costumes e tradições. São estes que atribuem identidade a um povo. Com este trabalho que os alunos do Colégio fizeram é possível perceber que Angola em cada província tem tradições bem diferentes umas das outras.

Sendo as lendas uma manifestação dos costumes e das tradições de um país, deixamos a Lenda de Kianda como característico de Angola e do seu povo.

## A Lenda da Kianda.

O povo angolano acredita em sereias. Estes seres sobrenaturais que podem fazer o bem e o mal. Transmitem o medo, mas também cultivam o amor. Em quimbundo, língua Bantu, a sereia é conhecida como Kianda. Cada rio, lago, poço, cada reservatório de água pode ter uma Kianda, sendo que a rainha das Kiandas mora mesmo no mar, a mais poderosa de todas. É amada e venerada pelos pescadores e estes oferecem-lhe prendas em busca da sua atenção.

Dizem que Kianda morava nos rochedos ao redor da Fortaleza de São Miguel, perto da praia do Bispo, em Luanda. Um dia, enquanto Kianda vagueava sozinha viu um pobre pescador, que andava triste e sem esperanças. Num momento de bondade mostrou-lhe um tesouro escondido que só ela conhecia. O homem enriqueceu da noite para o dia, mas ao mesmo tempo tornou-se egoísta e avarento. Passou a usar este dinheiro para seu próprio proveito sem se preocupar com mais ninguém. Kianda, que continuava a acompanhá-lo de longe, não gostou da sua atitude e resolveu dar-lhe uma lição, fazendo desaparecer o tesouro. O pescador ficou mais pobre do que antes. Desapontada, Kianda jurou que nunca mais ajudaria outro homem e, por consequência, passou a enfeitiçar com o seu canto todos aqueles que se aproximassem das suas águas, prendendo-os no fundo do mar. Há quem diga que Kianda passeia à noite encantando vilas inteiras e há quem jure que já ouviu o som da rainha das sereias vindo de uma aldeia condenada a viver para sempre no fundo das águas.



Flyers realizados pelos alunos do 1.º CEB, “À Descoberta de Angola”.

## Um Artista... Um Universo!

Escola Portuguesa do Lubango

“Uma vez plantei um abacateiro numa cidade onde sabia que não ia voltar, mas queria que os outros, ao comerem os frutos, amanhã, sentissem a alegria que eu senti. A partir deste pensamento surgiu a ideia de formar os jovens”.

Padú, 2022

Para nós foi fácil selecionar o artista a representar a província onde se insere a Escola Portuguesa do Lubango. Padú, artista plástico da província da Huíla, sul de Angola, desenvolve um trabalho notório na comunidade, dinamizando atividades artísticas variadas, desde a pintura, desenho, cestaria, olaria, costura e, ainda, teatro, música e dança. Colabora com a Escola, dinamizando a “Oficina de Artes”, como atividade extracurricular e noutras parcerias.

No Centro de Artes Padú – Cooperativa dos Artistas da Huíla, inaugurado recentemente, o seu contributo social vem ganhando maior visibilidade, uma vez que tem acolhido, na sua maioria, jovens carenciados desta província. “Com este projeto conseguimos tirar os jovens de um caminho mau, porque muitos têm talento e não sabem como sobressair.” Acrescentou, “muitas crianças e jovens da rua não sabem o talento que têm. Assim, tentamos tirar estes miúdos da rua e ensinar-lhes uma profissão, uma arte. (...) As artes ajudam estes jovens tanto na parte emocional como na forma de ganhar sustento.” (Padú, 2022)

Valorizando a arte como um meio de expressão que procura transmitir sentimentos, emoções e fazer as pessoas pensarem sobre os mais variados temas, procuramos torná-la presente no dia a dia da nossa Instituição, integrando-a de forma interdisciplinar em diversos projetos.





Desfile de trajes tradicionais - Alunos da Educação Pré-Escolar.

O Património é a herança deixada pelos nossos antepassados, que nos permite conhecer e valorizar o presente. Por esta razão, muitas vezes, recorremos às artes para acedermos a este espólio. Os alunos da Escola Portuguesa do Lubango contactam frequentemente com este legado cultural que os rodeia, seja através de visitas de estudo, seja assistindo a demonstrações artísticas ao longo de todo o ano letivo. Estas atividades reportam para tradições e costumes de carácter local e nacional. Nelas estão patenteadas ações que valorizam esse património, tais como: desfiles de trajes tradicionais, exposições, peças de teatro e danças tradicionais. Estas atividades despoletam, muitas vezes, o interesse e a curiosidade dos alunos, sendo ponto de partida para exercícios de pesquisa sobre costumes e tradições locais. “Através da arte mantemos as tradições. Fazendo *quimbalas*, o nosso estilo de sapatos – “nonkaku”, usando a “samacaca” – pano tradicional da província da Huíla (...), é uma identificação... a nossa identidade” (Padu, 2022).

O artista partilha ainda uma ambição: “(...) gostaria de tornar a Huíla como capital das Artes.” Com a motivação e envolvimento dos nossos alunos, acreditamos ser possível!

Secção Cultural do Conselho Pedagógico  
da Escola Portuguesa do Lubango



Centro de Artes Padú – Cooperativa dos Artistas da Huíla.

”

Valorizando a arte como um meio de expressão que procura transmitir sentimentos, emoções e fazer as pessoas pensarem sobre os mais variados temas, procuramos torná-la presente no dia a dia da nossa Instituição, integrando-a de forma interdisciplinar em diversos projetos.

# A etnomatemática e a arte

## Escola Portuguesa de Lunda Sul

A nossa escola está implantada na zona das Lundas, mais propriamente na Lunda Sul, onde a língua e a cultura Cokwe (lê-se chókucúé) tem uma ampla expressão.

Desta região é originária uma tradição dos *akwa kuta sona* (mestre dos desenhos sona - plural de lusona) que consiste em desenhos na areia, alguns muito imbrincados, que revelam histórias, mas têm ideias matemáticas na sua construção.

Para fazer um lusona, o artista começa por alisar a areia e usar a ponta dos dedos para criar uma grelha de pontos equidistantes, chamados *tobe*, que servem como suporte para o lusona. Os sona são normalmente gráficos delineáveis que podem ser desenhados sem levantar o dedo ou passar duas vezes por cima da mesma linha.

Longe vão os tempos em que esta tradição seria amplamente conhecida

pele que nos últimos 4 anos temos desenvolvido um trabalho de exploração desta arte e das suas aplicações em diversas disciplinas, como História e Geografia de Angola, Educação Visual e Tecnológica, Cidadania, Português e Matemática. As sequências didáticas são sempre pluridisciplinares, porque os sona podem servir como ilustração para lendas, são fontes históricas e têm explorações matemáticas.

Para além da arte criativa dos padrões, podemos usar os desenhos para estudar progressões aritméticas, potências e propriedades geométricas como simetrias (axial, rotacional) e semelhanças. Em termos simples, parte-se de um desenho de uma matriz de pontos à qual se podem acrescentar outras sobrepostas. Cada desenho Cokwe redistribui os pontos da rede de referência, como se pode ver no exemplo (figura 1).

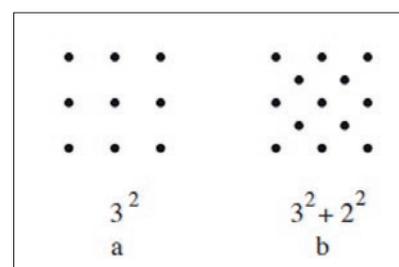
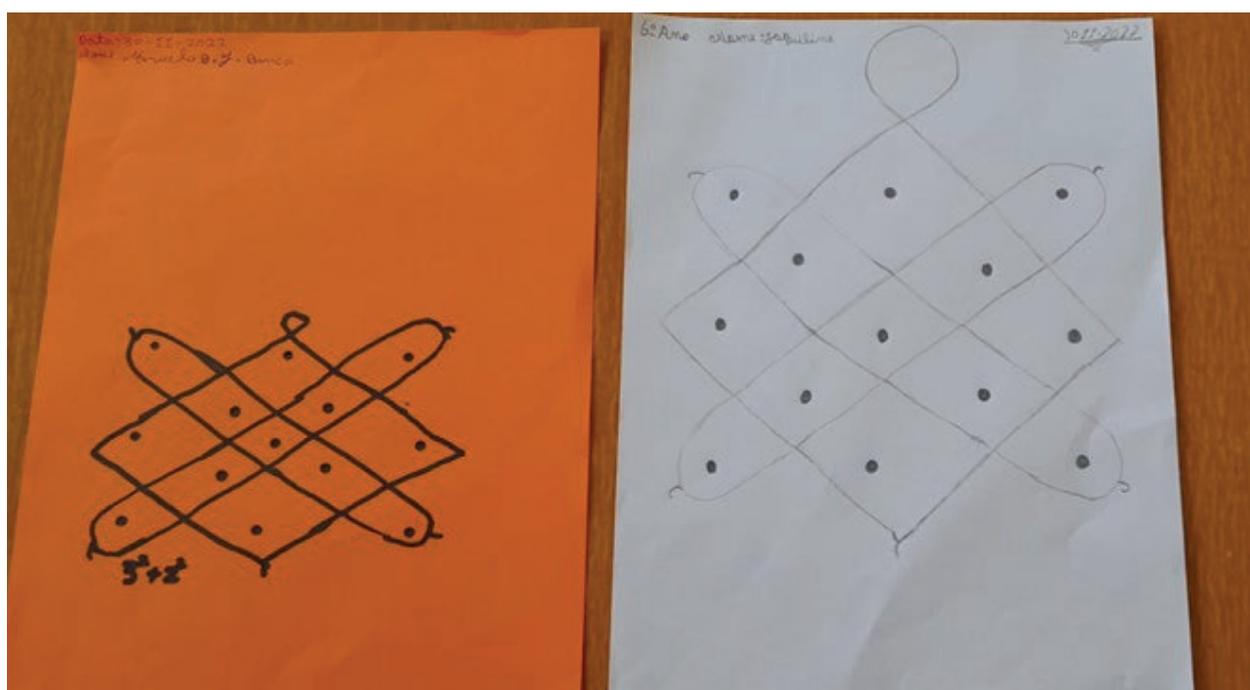


Fig. 1 - A matriz apresentada serviu para a construção da lusona (em baixo), dos alunos no 6.º ano, na disciplina de Educação Visual e Teoria do Jogo.



As sonas de alguns alunos do 6.º ano.



Para além da arte criativa dos padrões, podemos usar os desenhos para estudar progressões aritméticas, potências e propriedades geométricas como simetrias (axial, rotacional) e semelhanças.

Quando são introduzidos os textos literários na disciplina de Português, em particular as lendas portuguesas, também inserimos o estudo de lendas locais. Aquela que vamos partilhar convosco já originou um teatro, numa adaptação que fizemos da lenda do princípio do mundo. Este ano fará parte novamente do nosso repertório.

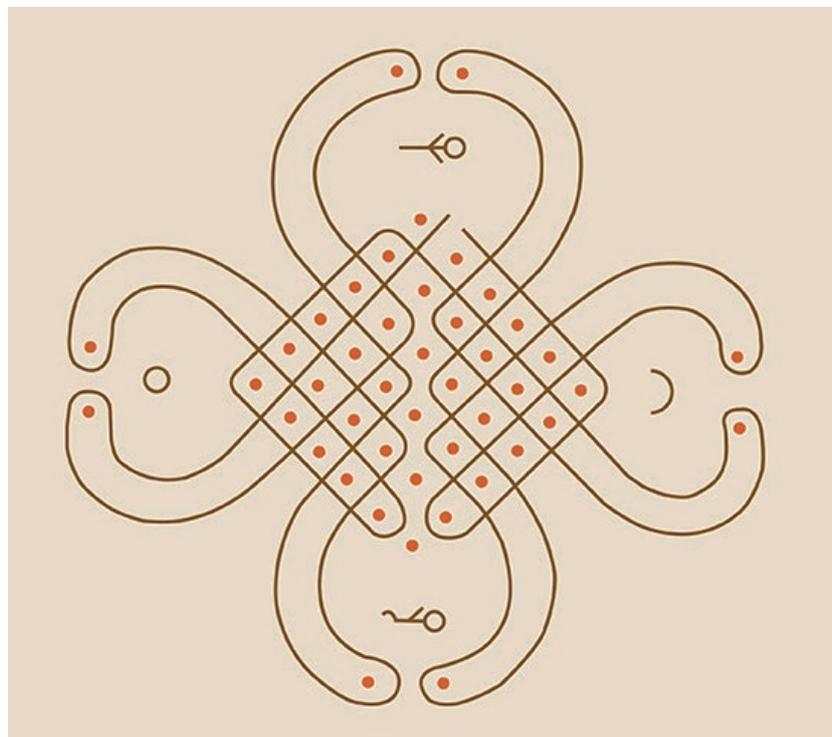
### A história dos Tchokwe para o princípio do mundo

Um dia, o Sol foi visitar Deus. Então, Deus deu uma galinha ao Sol e disse-lhe: “Volte de manhã antes de te ires embora”. Pela manhã, a galinha cacarejou e acordou o Sol. Quando o Sol foi ter com Deus, este disse-lhe: “Não comeste a galinha que te dei para o jantar. Podes ficar com ela, mas tens de a trazer aqui todos os dias”. É por isso que o Sol dá a volta à terra e se levanta todas as manhãs.

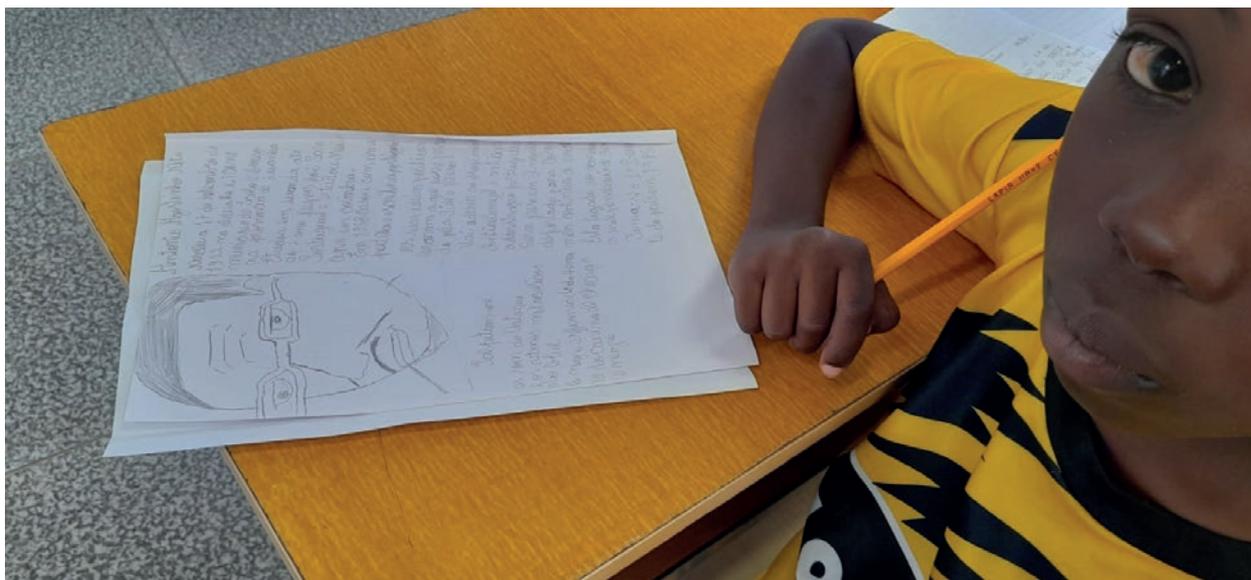
A Lua também foi visitar Deus e recebeu uma galinha. De manhã, a galinha cacarejou e acordou a Lua. Mais uma vez Deus disse: “Não comeste a galinha que te dei para o jantar. Podes ficar com ela mas tens de voltar aqui a cada 28 dias”. É por isso que os ciclos da Lua demoram 28 dias.

O Homem também foi visitar Deus e ganhou uma galinha. Mas o Homem estava com fome, depois de uma jornada tão longa e comeu parte da galinha ao jantar. Na manhã seguinte, o Sol já ia alto no céu quando o Homem acordou, comeu o resto da galinha e apressou-se a visitar Deus. Então, Deus disse: “Não ouvi a galinha a cacarejar esta manhã”. O Homem respondeu temerosamente: “Estava com tanta fome que a comi”. E recebeu a resposta: “Não faz mal, mas ouve: sabes que o Sol e a Lua estiveram aqui e nenhum deles matou a galinha que lhes dei. É por isso que nunca morrerão. Mas tu mataste a tua e como tal tens de morrer como ela. Mas quando morreres vais ter de voltar aqui”. E assim aconteceu.

Arsénio Morais, professor de EVT e  
Maria Duarte, Diretora Executiva da EPLS



Nesta imagem Deus é representado acima, à esquerda o Sol, à direita a Lua e em baixo o Homem. O lusona representa o caminho de Deus.



## 100 anos António Agostinho Neto

No ano em que se assinalou o centenário do nascimento de António Agostinho Neto (nascido a 17 de setembro de 1922), primeiro presidente de Angola e herói nacional, assinalámos a afeméride com alguns trabalhos em sala de aula, com os alunos do 5.º ano. Para além da biografia resumida de Agostinho Neto, os alunos ilustraram os seus trabalhos e leram um dos seus poemas.

Realçou-se a sua influência cultural, como poeta e escritor, bem como as suas convicções políticas e a sua luta contra o racismo.

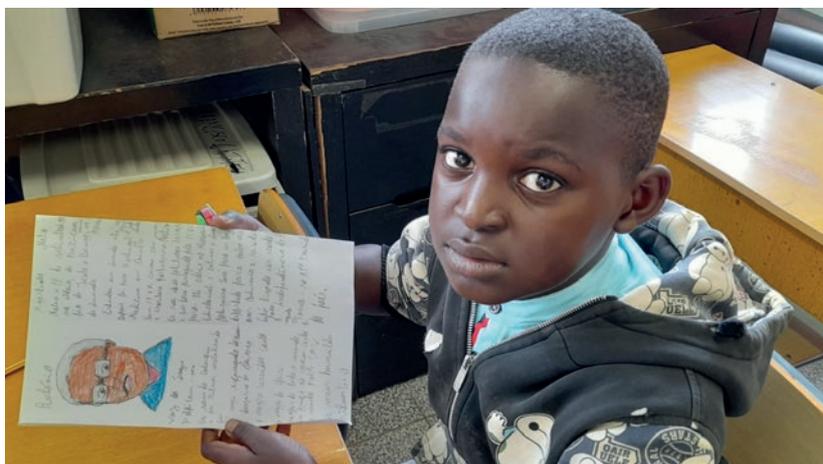
Percebemos que a figura ilustre era sobejamente conhecida, mas

pouco se sabia sobre o seu percurso e a sua ligação a Portugal. Ainda hoje Portugal é reconhecido como um bom local para estudar, pela qualidade de ensino que oferece. No entanto, a passagem de Agostinho Neto pelo país foi atribulada, fruto das ideias de emancipação que o mesmo advogava e que, na altura, não eram bem encaradas. Estas gerações, dado o distanciamento dos acontecimentos, puderam reconhecer o grande contributo do estadista e refletir sobre os sacrifícios que foram necessários para serem donos do seu destino.

Maria Duarte,  
Diretora Executiva

”

Primeiro presidente da República de Angola, era médico de profissão, poeta por vocação e um líder por natureza.



Trabalho sobre Agostinho Neto.

# Ecos de Cultura(s)

## Colégio Português da Angola

O Colégio Português, instituição de ensino particular portuguesa mais antiga da cidade de Luanda, conta já com algumas gerações de alunos que encontraram neste projeto educativo as bases para o início de um percurso pessoal assente na valorização da diferença enquanto fator que nos pode aproximar e enriquecer enquanto indivíduos e cidadãos. Um dos elementos que consideramos potenciador da riqueza do trabalho que desenvolvemos é a aposta na partilha de experiências e na multiculturalidade. Um projeto educativo que entende a língua portuguesa como âncora para uma formação enriquecida por aspetos culturais tão diversos quanto as nacionalidades dos alunos, professores, assistentes, pais e encarregados de educação desta já vasta comunidade educativa.

Enquanto espaço de encontros, o Colégio Português desenvolveu, neste primeiro período letivo, um conjunto de atividades que trouxeram aos nossos alunos, provenientes de um contexto urbano como é o de Luanda, um contacto muito próximo com os saberes e ofícios tradicionais, arte, costumes e crenças que enformam a rica cultura angolana. A ideia teve por eixo fazer do espaço escolar um palco privilegiado para mostrar que a diversidade de manifestações artísticas, artesanato, costumes e línguas locais são aspetos fundamentais para uma memória

coletiva, para um país e um povo, que em si mesmo foi e será único no espaço global. As danças ancestrais, a capoeira, as cores dos trajes e tecidos africanos, os cheiros e sabores de pratos da gastronomia, as esculturas e cestaria tradicionais, executadas no nosso recinto escolar, a música e literatura deste país, acompanhados pelo início das chuvas de verão, que quiseram, por vezes, comprometer esta festa da cultura local, vieram recordar aos nossos alunos que aprender é mais do que acompanhar o currículo escolar formal: aprender é observar, participar e viver experiências singulares que despertarão o sentido de pertença a uma cultura, o respeito pela diversidade de costumes e tradições, a necessidade de proteger e fomentar a identidade. As nossas crianças e jovens saíam, decerto, mais ricas desta experiência!

Ao longo do ano letivo, sob o lema da arte enquanto tema da escola, serão realizadas mais e diferentes atividades que participarão de um objetivo maior – a escola como família, a aprendizagem como caminho, a experiência como meio e a cidadania responsável como meta.

Eugénia Braga e Mário Carneiro,  
Coordenadores das atividades.





## Guilherme Mampuya Wola

Escola Camilo Castelo Branco

Guilherme Mampuya Wola nasceu a 4 de novembro de 1974 no Uíge, uma das 18 províncias angolanas. Licenciou-se em Direito na Universidade de Kinshasa, República Democrática do Congo, em 2000.

Iniciou o seu percurso laboral enquanto assessor jurídico de uma empresa, mas percebeu que a sua sede de cores não era compatível com o “ambiente de gravatas” em que vivia.

Ingressou no curso de pintura básica no Atelier de Avelino Kenga e, desde então, não mais deixou os pincéis. As suas obras são conhecidas nacional e internacionalmente e o seu percurso notável conta já com várias exposições individuais e coletivas tanto em Angola, como fora.

Em 2008, Guilherme Mampuya, como é conhecido, foi o vencedor do Grande Prémio de Pintura EnsArte.

A sua expressão artística prima pelas cores, aliás há quem refira, aquando

da visualização de uma obra, aquelas são as cores de Mampuya. O seu traço define-se na panóplia de cores que usa em retratos de realidades tumultuosas, como se tentasse (e conseguisse) colher a beleza no que há de miséria, trazer a verdade que dói enaltecendo o que há nela de belo.

A sua obra pretende promover a tolerância e o respeito para com as diferentes realidades, bem como impelir a reflexão acerca das mesmas. Os seus trabalhos retratam os vários temas de carácter social, bem como a história e as paisagens de Angola.

Mampuya referiu algures, acerca da sua obra, que cruzou a cultura africana com coisas boas do Ocidente e ainda misturou conhecimentos obtidos na licenciatura em Direito.

Este artista plástico angolano tem hoje a sua obra espalhada pelo mundo, levando aos que o conhecem a beleza intempestiva suspensa na crueza da realidade.

”

Iniciou o seu percurso laboral enquanto assessor jurídico de uma empresa, mas percebeu que a sua sede de cores não era compatível com o “ambiente de gravatas” em que vivia.



## Bonga, o artista do passado, do presente e do futuro

Colégio Atlântico

Bonga passou a sua infância em bairros como os Coqueiros, Imgombotas, Bairro Operário, Rangel, e no Marçal. Nestes bairros sentia-se o ambiente intimista de preservação das músicas e tradições angolanas. Desde cedo, Bonga ficou fascinado pela música dos musseques (bairros pobres) e, desta forma, começou a sua atividade musical. Bonga é produto de uma geração em guerra que resiste à imposição de músicas oriundas do país colonizador, respeitando a música tradicional de Angola. A cultura angolana era dominada pela colonização portuguesa da época (Estado Novo), daí que tanto a língua

como a música tradicional fossem discriminadas e impedidas de se manifestar em plenitude.

Bonga, passado meio século da sua estreia discográfica, continua a ser (re)descoberto por uma nova geração, continuando as suas músicas a serem passadas de geração em geração, e a ficarem no ouvido como refrões “Tenho uma lágrima no canto do olho” ou “Mariquinha, vem comigo p’ra Angola”.

Equipa de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

# Cabo Verde





## Entrevista ao artista Bento Oliveira

Escola Portuguesa do Mindelo

O que é a arte para si?

A arte para mim... Bom, a arte em si é linguagem, são linguagens. Nós temos várias disciplinas na arte, desde a música, às artes plásticas, o cinema, o teatro, as novas disciplinas contemporâneas, que é a performance, que é o happening... E arte para mim é um meio que o criativo tem, para expressar, para revolucionar o mundo e... há muitos caminhos que um artista pode seguir, não é? A arte é ciência. Todas as linguagens artísticas têm uma dimensão científica. Neste caso, eu vivo a dimensão artística desde a minha tenra idade. Essencialmente, para mim, a arte é expressar e organizar pensamento, é um instrumento extremamente poderoso para mudar o mundo para melhor, para abrir caminhos para as pessoas em todas as suas dimensões, em todos os seus sentidos.

Quando é que começou a dedicar mais tempo à arte?

Eu nasci no seio de uma família que permitiu-me muita coisa interessante, muitas coisas bonitas. Eu lembro da minha avó, ela tinha uma máquina Singer de costura. À tardinha, ela tirava a máquina da mesinha dela e ela me dava papel, pincéis e lápis de cor para desenhar e... a minha mãe gosta muito de música, eu acho que ela seria mais feliz se eu fosse músico, mas eu gosto mais das Artes Plásticas, e ela sempre contribuiu com muita coisa, livros... Eu tive acesso a muita informação através dos livros, através da leitura, por causa da minha mãe. A minha mãe mexia com coisas de carnaval, ela subia nos andores de carnaval para pintar, ela desenhava, escrevia músicas de carnaval... Então, eu vivi num espaço bastante interessante e o meu pai era muito interessado em tudo o que se editava em Cabo Verde: livros, revistas... eu tinha tudo isso em casa.

”

Eu vivia em São Vicente, que é uma escola aberta de artes.

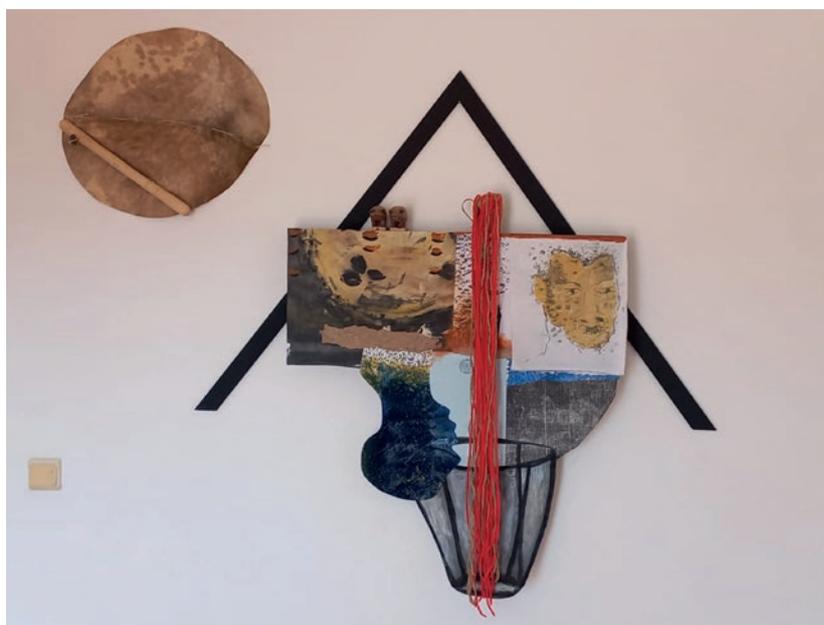
Naturalmente, nunca ninguém me disse: “Tu tens que ler isso... Tu tens que ler aquilo...”. Era um meio para conhecermos o mundo naquela altura em Cabo Verde e, principalmente, em Santo Antão, que não havia liceu, o porto ficava em Porto Novo.

Nós vivíamos na Ribeira Grande, na Povoação, uma pequena vila, a janela do mundo eram os livros. E através dos livros e dos jornais, eu via obras de arte, eu conhecia grandes escritores... eu conheci o Baudelaire, o escritor francês, o poeta maldito, que escreveu “As flores do mal”, quando tinha a vossa idade. Eu lia os poemas de Baudelaire tranquilamente, traduzidos em português. Aquilo alimentou-me bastante a minha imaginação. Quando eu cheguei aqui em São Vicente, deparei com bibliotecas que havia no Amarante, a biblioteca do Centro Cultural Português... todo o mundo ia para o Amarante e ia requisitar livros na biblioteca do Centro Cultural Português. A Dr.<sup>a</sup> Ana Cordeiro proporcionou-nos muita coisa bonita naquela altura, porque ela trazia vários estudiosos, desde a literatura, antropologia e outras áreas científicas que aprendíamos e como eu tinha alguns primos mais velhos, eu ia com eles. Aprendi a sair de casa e ir assistir a uma palestra, por exemplo. Havia também o Dr. Moacyr Rodrigues, que quando implementaram o ano zero, que era o propedêutico na altura, tinha uma grande preocupação com os seus alunos, em ampliar a dimensão cultural e antropológica de Cabo Verde e do Mundo. Ele convidava artistas de São Vicente, e aos sábados, no auditório do Liceu Ludgero Lima, os artistas iam falar para os estudantes. Era extremamente interessante. Aos dezoito anos, a minha mãe mandou-me para o Brasil. Passei oito anos no Brasil e conheci muitos artistas. Fiz vários cursos e quando eu entrei na Faculdade de Artes e Ciências da Universidade Federal do Pará, muitos dos meus colegas perguntavam-me se eu já havia estudado em alguma outra escola de artes. Eu vivia em São Vicente, que é uma escola aberta de artes.

**“Eu navegava entre duas avós que adoravam o que eu fazia.”**

**A Educação Artística foi importante na sua infância? Em que medida?**

Engraçado que eu comecei a minha Educação Artística, na minha infância, na minha rua, na rua D' Horta. Não sei se vocês conhecem um arquiteto chamado Adelino Santos, daqui de





Trabalhos do autor.

São Vicente, que é tio da Diretora Financeira desta escola, a Dr.<sup>a</sup> Eva. O Adelino, ainda estudante no liceu de São Vicente, quando regressava a Santo Antão, ele gostava também de pintar, ele pegava em tampinhas de cerveja e colocava guaches para mim. A mãe do Adelino era costureira, a Isaura. Ela era uma mãe também para mim, porque eu vivia debaixo da saia da Isaura. Ela estava na máquina dela a costurar e eu estava debaixo da saia, com os farrapos, a mexer, a amarrar... Ela fazia tudo para mim. Eu fui uma criança muito mimada. Nós brincávamos muito, tínhamos muitas pessoas crescidas que nos contavam histórias, mas, principalmente, essa relação, essa possibilidade de encontrar uma pessoa para oferecer-me tinta... E eu, com as histórias que as pessoas contavam, eu desenvolvia muita coisa. Eu tinha essa Educação Artística em casa, através dos livros, através da orientação da minha mãe, através de ver a minha mãe a confeitar os bolos de noiva, porque a minha mãe fazia muita coisa. Os bolos de noiva mais bonitos que eu conheço, foi a minha mãe que fez.

Antigamente, em Santo Antão, não havia eletricidade 24h por dia, a luz ia, mais ou menos, às onze horas/meia noite, e a minha mãe tinha que entregar esses bolos. Eu ficava

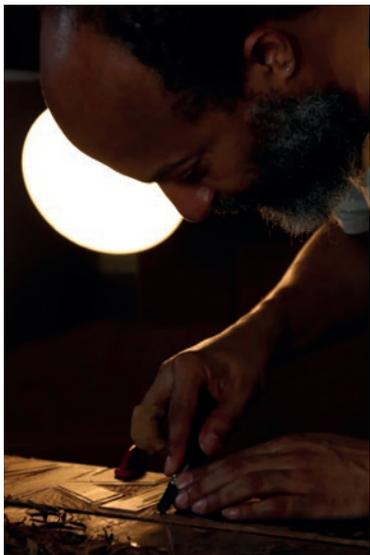
com ela, com a luz de candeeiro, de petromax, a colocar as missangas prateadas nos bolos, e isso para mim foi fantástico. A minha mãe levava-me para todas as mesas que ela ia confeitar e ornamentar, todas as festas. Antigamente, não se falava de Educação Artística em Cabo Verde. Falava-se de trabalhos manuais nas escolas. Havia duas professoras que orientavam os alunos e fazíamos muitas coisas. Mindelo tem uma característica de ser uma cidade universitária, de ser uma cidade de ciência, fizemos isso nesta cidade, com essa questão de partilhar. Antes, para não gastarmos eletricidade em casa, saímos para estudar na Avenida Marginal, por baixo dos postes de luz. Isso era interessante porque partilhávamos e amadurecíamos nesse convívio. A minha Educação Artística está nesse contexto. Depois dos dezoito anos é que tomei consciência, cientificamente, da educação pela arte. É uma disciplina fundamental para o desenvolvimento humano do jovem, do idoso, da criança e do bebé.

**“O meu processo tem muito a ver com vivências, o meu processo tem muito a ver com partilha...”**

#### Como é o seu processo criativo?

Eu sou muito pouco ocidental, descolonizei-me há muito tempo... Então, eu faço um trabalho aqui em Cabo Verde e noutros espaços do mundo, em que eu observo bastante a maneira de viver das pessoas. Por exemplo, eu posso observar a vida de um pescador na sua faina da pesca. O meu processo tem muito a ver com vivências, o meu processo tem muito a ver com partilha, o meu processo tem muito a ver com muita conversa... Por exemplo, o material da minha escultura é uma figura natural daqui de Cabo Verde. Há muito tempo que não me dedico à pintura, mas eu busco os meus pigmentos, eu busco as minhas cores nas terras de Cabo Verde. É claro que eu não devo ignorar todo o conhecimento na área das artes, que todo o ser humano, que todos os países já desenvolveram. Eu não posso negar isso. O meu gesto deixa de ser humanista se eu negar o conhecimento de qualquer parte do mundo, mas eu sempre vou desconstruindo o meu processo, na medida em que vou conhecendo modos de viver. Eu costumo dizer que chego em qualquer lugar e não preciso de nada, articulo com os meios disponíveis do local. Eu não digo: “Ah, em Cabo Verde eu não encontro uma loja que vende telas, ou pincéis, ou





Nasceu e cresceu na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, em 1973.

Licenciou-se em Educação Artística, na vertente das Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Pará, no Brasil.

Realizou várias exposições individuais e coletivas em Cabo Verde e no Brasil.

É apaixonado pelas artes e pelas vivências das gentes da terra.

tinta para eu pintar.” Eu desconstruo todo esse arcabouço convencional e tenho que expressar, é a minha missão como ser humano, nasci para as artes. Então, eu tenho que dialogar com os meios disponíveis e propor o meu pensamento. Primeiro vem o pensamento, o pensamento aliado de uma conjugação de desenhos, de ideias, e depois o pensamento entra em cordialidade com a prática, para ser realizado. Então, o meu trabalho tem muito a ver com a cordialidade que vou estabelecendo com o meio e as pessoas e que vou partilhando. Esta é a essência do meu processo criativo.

**“Eu desconstruo todo esse arcabouço convencional e tenho que expressar, é a minha missão como ser humano, nasci para as artes.”**

**Qual é a função da arte, em geral?**

A função da arte... a arte é um gesto, é ação, é transformação, a arte é criatividade, é imaginário, a arte é engajamento. Um artista que não é engajado numa causa, um artista que simplesmente dá importância às suas habilidades, não comunica, simplesmente, faz um trabalho repetitivo, artesanal. Não é que o artesanato não tem valor, tem muito valor. A arte é pensamento, é linguagem. A literatura é também uma linguagem artística. E na literatura temos todas as vertentes literárias. Eu sinto-me mais à vontade na poesia. Eu gosto de poesia, eu gosto de escrever poesia e eu faço de tudo para todos os dias ter um encontro com a poesia, nem que seja por um instante. Pode ser com um abraço, pode ser com um olhar, pode ser observando uma árvore, qualquer movimento de um pássaro, ou ir à beira mar e sentir. Temos também o que eu chamo de instâncias sublimes, que são as dores humanas. Até nessas dores encontramos poesia, que eu chamo a poética do sublime, que não fui eu que inventei. A poética do sublime existe na literatura, no cinema, nas artes plásticas... A arte tem muito de poesia. As artes plásticas, a música, a gastronomia... tudo. Quando te deleitas no paladar, por exemplo, estás a sentir uma articulação que eleva a tua alma, o teu prazer... Isso é poesia.

**É necessário frequentar uma Universidade para aprender a fazer arte ou é algo que pode nascer connosco?**

Um dos artistas que eu mais admiro, não sei se ele passou da 4.<sup>a</sup> classe. Ele nem sabe se ele é artista também. Em 2002, quando eu voltei para Cabo Verde, conheci um artesão que faz cestaria e é de Santo Antão e eu estava a precisar de partilhar com alguém as minhas ideias de escultura. No fim de semana, eu tomei o transporte e fui ter com um senhor chamado Arlindo Fortes, mais conhecido por Dindim. Ele transmitiu-me uma essência artística extraordinária. É um artesão, e tudo o que eu pedi para me ajudar, ele me ajudou, como um artista. O diálogo que eu tive com ele transcendeu a muitas outras conversas que eu tive com professores, no espaço científico da Universidade, com muitos artistas que eu conheço, que passaram pelo estudo das disciplinas das artes, e foi com o Dindim que eu fiz o meu primeiro projeto artístico em Cabo Verde. Ele tem uma vibração muito bonita. Eu chamo isso de temperança. Ele ensinou-me isso em relação ao meu trabalho, em relação a lidar com as pessoas, porque o artista não faz só pintura, o artista não faz só música, o artista não escreve só poesia, o artista também é um ser humano que se preocupa com os valores humanos e transmite valores humanos.

**“Eu não sou, eu somos”.**

**Tem algum nome artístico ou assina como o seu nome? Por quê?**

O meu nome é Bento e eu assino os meus desenhos e o meu pensamento, concretizado sobre escultura, desenho ou pintura, sempre com Bento. Este nome é o nome do meu avô. Eu sinto que é também uma forma de homenagear quando eu assino, é um gesto de continuidade. Eu costumo dizer assim: “Eu não sou, eu somos”. Eu sou muitas pessoas, eu sou muitas vivências.

Alunos do 7.º ano, sob orientação da Professora Ana Rita Soares.

# Guiné-Bissau





## Dúvidas inexplicáveis (crónica de uma viagem)

Escola Portuguesa da Guiné-Bissau

Rui Infaca,  
Professor

Depois do Sul e de uma semana em casa a brincar com as crianças, incutindo nelas o desenvolvimento psicomotor, cheguei no dia 6 de maio, fatigado, mas satisfeito, às treze horas, em Cutchi, à norte de Bissau.

Eram doze horas quando saímos da rotunda do aeroporto Osvaldo Vieira onde se encontra a estátua de Amílcar Cabral com o rosto virado para a morança de Ntin de Bocompolo Cá.

O Toyamin estava já aborrecido de tanto esperar o jovem que nos devia entregar a encomenda que Belolat havia deixado, talvez por isso, o seu carro de marca Ford andava rapidamente. Ao longo de caminho, já não podíamos resistir a imagem de cajú que inundou a terra e de sentir seu doce e exalante cheiro que saía lá debaixo dos cajueiros. Descemos, entramos na horta e, sem pagar, sentimos o seu sabor íntimo.

Em Cutchi estávamos presos em liberdade, sem muros, sem paredes nem tetos e sentíamos livres no ar livre como os nossos pensamentos livres.

No quintal da morança, eu estava de pé ao lado da Mpili. Não por gostar de mulheres ou por ser mulherengo, mas porque entendo que são a nossa companhia e, sobretudo, porque descobri que sem elas nada, que perfeitamente sabemos, podíamos fazer. O dia estava muito alegre e animado. Ninguém pensava já na turbulência política cidadina, apenas no toca-choro de Weptche Lambe. Toca-choro é uma tradição exercida pelos balantas, bijagós e brames. Pelos manjacos, felupes e papéis. Uma prática aceite como normal pelas restantes etnias. Porém, o cronista duvida que seja Divinal.

A moranço grande era muito pequena para tanta gente. As plantas de sombra ao redor encontravam-se repletas, pois havia um mar de gente que, em passos apertados e pesados, pisava todo o arbusto e derramava derradeiramente o suor que não regava a terra seca.

Debaixo de uma grande mangueira, sentados frente a frente, podíamos contemplar o sorriso aberto e ouvir as gargalhadas virgens da natureza. Nós acabáramos de chegar há dez minutos.

Pensei que fosse uma festa apenas de comer e beber. E estava certo. Depois destas duas ações, pude com os dois olhos na cabeça assistir diferentes trajes e com os meus próprios ouvidos ouvir os sons de sicó, de tina, de batoque e tumba retumbada<sup>1</sup>. Os diferentes grupos de companhia presentes dançavam cada um a sua maneira. Concluí que em Cutchi não estavam apenas habitantes dessa tabanca de Encheia, mas um povo inteiro. Uma federação de etnias e de cultura guineenses.

Ninguém se queixava do cansaço. Cirilo, Belolat, Ancelmo, mano Beto e Pedro gumbavam<sup>2</sup> articulando, desafinadamente, o toque de bombolom<sup>1</sup> proporcionado pelos belante<sup>5</sup> bendam<sup>6</sup>, no interior da moranço, entre blufe<sup>3</sup> bendam<sup>6</sup> e benin<sup>4</sup> bendam<sup>6</sup>.

Às dezassete horas, entre o bafo quente da grande multidão, a ventania suave do crepúsculo, a viva brisa do rio que separa Encheia de Ntchugal e o sopro misturado o Will, rodeado de homens e mulheres, carmuçava<sup>2</sup>, com uma espada afiada na mão direita e duas cordas de dois touros na esquerda. E, andava no campo como quem não anda na cidade.

Num instante, o sangue em borbotões brotou, esparrinhou e inundou transformando-se num lago. Vacas massacradas e porcos apunhalados. Nessa mesma altura, sol estava a ficar cada vez mais vermelho. Pensei que fosse o reflexo de tanto sangue derramado, mas logo apercebi-me que talvez fosse a raiva Divina de se ter que sacrificar tantos animais.

Eu, perplexo, com o cenário, não tive a coragem de continuar a assistir o drama. Fugi discretamente e fui sentar-me num tronco seco, fora do palco que acredito ser demoníaco.

Aborrecida e preocupada, a Mpili procurava por mim. A noite estava a entrar e as estrelas já desfilavam iluminando a terra encortinada.

A tenra donzela aterrorizada e perplexa, no meio da escuridão e a terra ensanguentada, receava qualquer coisa. Depois fitou atentamente, notou, estarecida e teve a certeza. Voou, então, para mim e enlaçou-me. Beijou-me os lábios frios, implorando que a olhasse - Sou eu, a tua Mpili, a tua pedra preciosa!

A sua encantada voz rasgou-me o peito em dois lados e penetrou no íntimo do meu ser acordando, de imediato, a minha alma entristecida. Levantei o meu rosto escuro para o rosto claro dela (olhos como os dela nunca se encontra em lado nenhum). Parei de pensar no drama anterior. Agora apenas tenho o pensamento, o sentimento e os olhos nos olhos dela. Ah, que prazer! A vida de um escritor não é feita apenas de caneta e papel.

Queria com todo gosto identificar cada estrela no céu do seu rosto e fazer uma longa viagem do amor, entretanto, lembrei-me que, apesar da noite, não tinha noite em Cutchi. Levantamo-nos do ramo seco e fomos juntar-nos aos colegas, animados e renascidos.

Cheguei a casa, meu único lugar de verdadeiro conforto, em Bissau, pelas vinte e três horas e passei o resto da noite a meditar no que assisti em Cutchi, porém até hoje, ainda não entendo por que é que se tem de matar muitos animais para festejar celebrando a morte de uma pessoa. In viagem a Cutchi, em Encheia (em 6 de maio de 2017)

(In viagem a Cutchi, em Encheia, 6 de maio de 2017)

1. **Bombolom**, **sicó**, **tina**: instrumentos de música tradicional - gumbé; 2. **gumbavam**: dançavam gumbé; 3. **Bulufe**. Jovens; 4. **Benin**: Mulheres; 5. **Belante**: Homens; 6. **Bendan**: Adultos, Grandes, uma faixa etária;



Tambor tradicional guineense utilizado para anúncios importantes à comunidade, em dias de festa e cerimónias fúnebres. Tabanca de Bolol, Cacheu, Guiné-Bissau.

# Macau





"Riquexo".

## Bernardino de Senna Fernandes, Artista de Macau

### Escola Portuguesa de Macau

Bernardino de Senna Fernandes, filho dilecto de Macau, nasceu em 1916.

Antes de deflagrar a Guerra do Pacífico, que viria a pôr à prova o estoicismo dos macaenses que ficaram em Macau, Bernardino rumou a Portugal (Coimbra) para dar continuidade aos seus estudos.

Se a distância que separa Coimbra de Lisboa não é grande, também não foi grande a dificuldade para Bernardino perceber que era na capital que estava o centro das artes e da vida que o iria preencher até ao fim dos dias.

A vida airada e boémia que começou por levar em Lisboa, onde teve por companheiros noctívagos o

caricaturista José Viana e o pintor Rui Preto Pacheco, lançaram-no no mundo onde ia encontrando motivos de inspiração. Eram as imagens de Lisboa, em telas a óleo, que começavam por ser fixadas por Bernardino.

Participou e fez várias exposições colectivas na Sociedade Nacional de Belas Artes. Trabalhou em agências de publicidade e deu contributo valioso na montagem dos pavilhões que iam dando nome à Feira Internacional de Lisboa, à Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, e à Feira Industrial de Braga. Grandes empresas portuguesas do ramo da química e da electrotecnia tiveram o privilégio de contar com a prestigiada colaboração de Bernardino de

Senna Fernandes. Porém, a que sem dúvida o marcou e da qual sempre guardou viva memória, porque mais o realçou e de que mais prazer teve, foi a montagem do pavilhão da Feira Internacional de Luanda, projecto em que esteve envolvido durante mais de seis meses.

Macau sabia que podia contar com ele. Em 1992, a Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Macau endereçou-lhe um convite para realizar uma exposição individual, que prontamente aceitou, deixando grata memória. Mais tarde, em 2001, a exposição que integrou o Encontro de Macaenses, realizado em Macau, teve também um êxito assinalável.



"Rua 5 de outubro".

No coração guardava a terra, de que falava com carinho e saudade, aqui conservando muitos amigos. Quando reviu a cidade e os amigos, passados trinta anos, foi com admiração que pôde constatar que a mesma já não era a pequena península que deixara e que sobre ela já não pairavam ameaças japonesas.

Bernardino de Senna Fernandes era um homem generoso e de bom trato, sã camaradagem e fiel às suas amizades. Mas era também um indefectível português de Macau

O último desejo de Bernardino era fazer uma nova exposição em Macau. O desiderato foi concretizado em 2021, através de uma mostra realizada na Galeria Hold On To Hope, em Coloane (Ka-Hó), a que, infelizmente, por já não estar connosco, não pôde assistir. O evento não deixou, porém, de ter o sucesso que todos os presentes lhe reconheceram.

Bernardino de Senna Fernandes partiu em 2007, mas dele ficam os desenhos e os quadros que pintou.

Jorge de Senna Fernandes,  
Professor de Educação Visual

# Moçambique





## À Conversa com Mia Couto

Escola Portuguesa da Beira

A convite do Centro Cultural Português da Beira, a propósito da visita do escritor moçambicano Mia Couto, no dia 24 de Novembro de 2022, alguns alunos do 8.º e do 9.º ano da Escola Portuguesa da Beira, foram ao encontro deste escritor, conhecido e reconhecido mundialmente pelos seus diversos livros publicados.

Mia Couto, orgulhosamente nascido na cidade da Beira, a 5 de Julho de 1955, trabalhou como jornalista durante quase 10 anos; Após isso, ingressou na Faculdade de medicina, mas não concluiu. Acabou por seguir Biologia e, posteriormente, tornou-se professor universitário, profissão que concilia com a sua carreira de escritor. Publicou o seu primeiro livro de poesias em 1983 — *Raiz de orvalho*. Já seu primeiro romance — *Terra sonâmbula* — foi publicado, em 1992, com grande sucesso.

Mia Couto foi vencedor do Prémio Camões em 2013, é um autor da literatura contemporânea, e nas suas obras é evidenciado o resgate da tradição cultural moçambicana, por meio de uma linguagem marcada por neologismos. No encontro com o escritor Beirense, um aluno do 8.º da nossa escola, curioso por saber mais um pouco do lado pessoal de Mia Couto perguntou-lhe se tinha filhos e se algum teria também inclinação para o mundo da escrita, ao que o escritor respondeu: “Eu tenho três filhos, dois

rapazes e uma menina. Os dois rapazes têm a inclinação para o mundo da escrita e a menina ajuda-me a editar a capa do livro”.

Outro dos alunos perguntou se em algum momento da sua vida, Mia Couto, se arrependeu de ter desistido do seu curso de medicina, ao que o próprio respondeu que não, pois se sentia muito realizado como escritor.

Na opinião de uma das nossas alunas do 9.º ano, “Ouvir o Mia Couto a falar foi muito benévolo para abrir a minha visão sobre a vida de antigamente aqui em África, pois ele presenciou a Guerra Civil em Moçambique, tanto que escreveu uma obra sobre — *A Terra Sonâmbula*. Mia Couto foi durante a entrevista, sempre muito esclarecedor, calmo e deixou-nos sempre o mais á vontade possível. Foram-lhe feitas muitas perguntas, entre outras, a pergunta de como ele cativava o leitor em poucas linhas, que, em resposta, disse simplesmente que deixava fluir as palavras que vinham à sua mente.

Muito observador, proferiu na entrevista que se sentava num degrau e simplesmente observava as pessoas a passar e imaginava histórias de vida para elas, assim, dando asas à sua imaginação.

É muito bom ouvinte, um homem culto, com muito para ensinar. Mia Couto demonstra tanto amor pela sua profissão, que gostaria muito de poder sentar-me numa mesa e conversar com ele por horas a fio.”

Durante a conversa, Mia Couto afirmou que os assuntos do quotidiano o motivam a escrever, daí que a guerra de dezasseis anos em Moçambique o influenciou na escolha das suas temáticas, uma vez que viveu de perto essa cruel realidade.

Quando questionado se sempre sonhou em ser escritor, declarou que nunca sonhou enveredar por este caminho. Ter-se tornado escritor, foi fruto da vontade que teve em colocar no papel o amor platónico que sentia pelas suas coleções da

escola, uma vez que eram “amores” impossíveis para ele, devido à sua timidez. Assim, o papel era o único lugar para expressar o que sentia. Um dia, o seu pai encontrou um desses poemas e publicou-o num dos jornais da época que, inesperadamente, foi alvo de muitos elogios.

Para a Escola Portuguesa da Beira foi um enorme orgulho participar nesta conversa intimista com Mia Couto, por se tratar de um escritor Beirense tão admirado e reconhecido no mundo inteiro!

Flávia Gulube (Professora de Português)  
Mariana Barbosa (Coordenadora de  
Projetos / Dinamizadora do Cantinho da  
Leitura)



”

Eu tenho três filhos, dois rapazes e uma menina. Os dois rapazes têm a inclinação para o mundo da escrita e a menina ajuda-me a editar a capa do livro.



## A expressão artística como um recurso didático

Colégio Internacional Lusíadas

De acordo com Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, originalmente, o termo arte, vem do latim arte que significava talento, saber ou habilidade, geralmente utiliza-se esse termo para referir a uma atividade humana que expressa um conjunto de linguagens e sentimentos, daí que existam várias expressões para descrever os diferentes tipos de manifestações artísticas tais como: a música, a dança, a pintura, a escultura, a cerâmica, o teatro, a moda, a literatura, o cinema, a arquitetura entre outras.

Sendo a expressão artística uma construção ou manifestação humana e universal, a principal dificuldade na definição do que é arte reside precisamente no facto de esta definição variar de acordo com as perspetivas de análise, com o contexto histórico, geográfico, social e cultural.

No âmbito da articulação curricular entre várias disciplinas, procurámos fazer um casamento entre as disciplinas de história e educação visual procurando envolver os alunos num processo criativo e reflexivo. Assim, na nossa ação pedagógica, tentámos diversificar as manifestações artísticas em sala de aula, visando proporcionar aos nossos alunos uma maior e alargada compreensão do fenómeno artístico, bem como diversificar os recursos utilizados, com o objetivo de manter o interesse dos alunos e criar um ambiente que atija à curiosidade e à motivação. Neste projeto, privilegiámos algumas formas de expressão artística como a pintura, a escultura, a música, a literatura e o cinema por considerarmos que estas são atrativas para os nossos alunos.

Na verdade, o domínio e a prática das artes visuais na educação infantil ou nas crianças, sobretudo com necessidades educativas especiais, torna-se fundamental, pois não só contribui para o desenvolvimento do intelecto das crianças, como também promove nelas o lado criativo, imaginativo e expressivo.



A inclusão da educação artística é de grande relevância na formação básica de todos os cidadãos por ser um direito humano e universal, e por essa razão, a sua articulação com outras disciplinas tais como a história e geografia, a cidadania e desenvolvimento, entre outras ciências, torna-se fundamental, sobretudo quando olhamos para as inúmeras vantagens a ela associadas a destacar-se o facto de permitir “ao aluno desenvolver a sua criatividade, a capacidade de reflexão, de pensamento crítico, o sentido de autonomia, ajudando-o a conhecer as capacidades do seu corpo e a controlá-lo, a dominar o seu grafismo, a orientar-se espacialmente, a utilizar a sua voz e os sons do seu corpo e a ampliar os seus conhecimentos face ao mundo que o rodeia, tornando-o num ser mais completo e ativo do

meio onde está integrado. A outra vantagem a ela associada é que todos os trabalhos produzidos durante as aulas são expostos na escola, em jeito de uma feira onde os encarregados de educação e ou os visitantes da escola possam apreciá-los.

Para além da exposição, os alunos têm uma participação ativa na decoração do espaço físico da sua escola. Tendo em conta que o aluno é que “faz” a decoração do espaço físico da sua escola, toma muito cuidado em mantê-la limpa, porque tem a noção de que os resíduos sólidos (as garrafas plásticas de água, de sumo, de refrescos, os papéis, as embalagens de sumo e os sacos plásticos entre outros materiais recicláveis) que eles pensavam que fosse lixo, afinal podem ser reutilizados para conceber objetos de arte.

Na verdade, o domínio e a prática das artes visuais na educação infantil ou nas crianças, sobretudo com necessidades educativas especiais, torna-se fundamental, pois não só contribui para o desenvolvimento do intelecto das crianças, como também promove nelas o lado criativo, imaginativo e expressivo. Desta forma, as crianças trabalham a sua criatividade e imaginação e conseguem adquirir novas habilidades e novas formas de olhar o mundo até porque, o principal objetivo não é que as crianças valorizem a vertente estética ou criativa, mas que compreendam que materiais diferentes podem ser transformados, utilizados e reciclados várias vezes na criação de novos elementos. Significa que as crianças podem produzir trabalhos artísticos utilizando as devidas técnicas de produção e que





manipulem vários materiais para construir formas e imagens que revelem uma conceção estética e alegórica, trazendo assim uma emoção que desperte nelas o gosto pelo mundo das artes (profissional com a prática do saber fazer) desenvolvendo assim a capacidade de memorizar, imaginar, criar e de interpretar os valores estéticos, como também serão capazes de interpretar e usar os elementos de comunicação visual com muita facilidade.

Por se considerar que o ensino da expressão artística desempenha um papel essencial no ensino e na compreensão mútua entre os povos, o Colégio Internacional Lusíadas organizou uma visita de estudo envolvendo alunos do quinto e do sexto anos. Esta visita insere-se no cumprimento de atividades programadas para o ano letivo 2022- 2023 e resulta da articulação das disciplinas de Educação Visual, de História e Geografia de Portugal, de Cidadania e Desenvolvimento e de Educação Musical. Assim, visitámos as oficinas da renomada ceramista moçambicana, Reinata Sadimba, nascida em 1945, na aldeia de Nemu, na província de Cabo Delgado no norte de Moçambique, Reinata é uma das artistas mais importantes do continente africano, tendo já recebido vários prémios e feito exposições em vários países tais como : a Bélgica, a Suíça, Portugal , a Dinamarca, a Itália, a África do Sul e a Tanzânia. Seus trabalhos estão representados em várias instituições, como no Museu Nacional de Arte, em Maputo e no Museu de Etnologia de Lisboa. Fazem parte da Coleção de Arte Moderna de Culturgest e de numerosas coleções privadas em todo o mundo.

Agostinho Cabele, Anselmo Moiane,  
Pedro Ambrósio Piloto, professores



Visita dos alunos à oficina de Taxidermia no Museu de História Natural .

# São Tomé e Príncipe





## René Tavares

Escola Portuguesa de São  
Tomé e Príncipe-CELP

Texto da professora Gisela Trindade, com o apoio  
de Anastácia Trindade, Pedro Lorena, Sandra  
Ferreira e Sofia Ferreira.

René Tavares traduz em traços, linhas e manchas uma síntese pessoal da sua própria identidade, sempre em processo (“inacabado”), posicionando-se em constante movimento entre referências passadas e presentes. Interessa-lhe aprofundar a permeabilidade das fronteiras entre histórias, linguagens e técnicas e partilhar esse percurso exploratório.

Em muitos dos seus trabalhos está presente o que o artista apelida de “imagerie comun”, a simples representação de um objeto ou forma vulgar que se insere num espaço pictórico de pura abstração e que permite o tratamento das linhas como técnica de desenho e como técnica de pintura. Estas referências aparecem descontextualizadas, misturadas, ambíguas, como que numa transposição do próprio funcionamento da memória.

### ARTISTA PLÁSTICO

O artista plástico René Tavares, um filho da terra, nascido em 1983, tem promovido nos seus trabalhos a identidade da cultura Santomense. Entretanto, um dos momentos marcantes do seu trajeto artístico foi a honrosa homenagem à grande escritora /poetisa santomense Alda do Espírito Santo, enaltecendo um trecho do seu texto poético ditando o seguinte:

**“Construir sobre a fachada  
do luar das nossas terras,  
um mundo novo onde o  
amor campeia, unindo os  
homens de todas as terras.”**

René Tavares tem várias obras artísticas inspiradas no Tchiloli, uma manifestação cultural nascida como uma forma de resiliência criativa adotada pelo povo de S. Tomé e Príncipe no contexto da colonização portuguesa.

Tchiloli deriva do drama teatral da herança europeia extraída da peça religiosa do dramaturgo cego Baltasar Dias, A Tragédia do Marquês de Mântua escrito em 1540, combina o teatro, a música e a dança. (pesquisa da Ana Nolasco investigadora em arte e design sobre as obras de René Tavares, publicado na revista "African Arts Magazine" outono 2020 - Vol. 53 .

Tchiloli narra a história das aspirações ao poder, envolvendo os personagens Gamelan, Sibila (esposa de Valdevinos) e o filho legítimo do imperador de Mântua.

A peça musico-teatral retrata o componente político mais explícito subjacente à peça, e é realizado no formato da tradição europeia. O seu caráter simbólico e ritualístico, tem raízes na África, ilustrando as tradições dos vários povos reunidos nas ilhas.

O Tchiloli tornou-se gradualmente um gesto político que criou laços de resistência e autoafirmação de gerações. Parte desse gesto de resiliência foi a preservação mascarada das tradições africanas – a dança congoleza e os ritos fúnebres em particular – proibidos pelos colonizadores, bem como a criação de novas subjetividades de descolonização mental.

René Tavares, é um jovem artista contemporâneo que vai para além do âmbito da interpretação e valorização do património cultural e das tradições, tendo feito ao longo do seu percurso pinturas, desenhos e instalações que realçam a sua identidade.

#### René Tavares

Formado na Escola de Belas Artes de Dakar, no Senegal; frequentou em 2011 o Mestrado em Ciências de Arte e do Património na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; expôs as obras em São Tomé, Lisboa, Paris, Bruxelas, Amsterdão, Luanda, Joanesburgo e Nova York; foi nomeado para o "Africas's Most Influential New Artistic Talent | FNB, Joburg Art Fair 2018; actualmente vive e trabalha entre São Tomé e Lisboa.



Exposição "Migrações e coisas, retalhos de uma história só".



Imagens extraídas do livro "Tchiloli", edição limitada, realização e coordenação – René Tavares.



"African Wrestling" – pigmentação em papel de arroz.

# Nós somos Arte, nós somos artistas!

Escola Bambino

O que é arte? Que tipos de expressões artísticas existem? Pequenas perguntas que surgiram na comunidade escolar Bambino. Podíamos referir-nos à arte como a expressão de um ideal estético, porém é muito mais do que isso, é a obra que permite transmitir sentimentos, crenças, emoções, acontecimentos históricos e principalmente ideias. "Acredita-se que a educação estética e artística, processando-se num continuum ao longo da vida, tenha implicações no apuramento da sensibilidade e do sentido crítico, podendo constituir uma condição necessária para um nível cultural mais elevado das populações, prevenindo novas formas de iliteracia, facilitando a integração dos indivíduos na nossa Sociedade." (Funch, et al, 2000, p.241) Sem querer desmentir, nessa perspectiva, a escola Bambino é repleta de arte.

Neste sentido, os nossos pequenos artistas abraçaram a arte e a cultura e decidiram partilhar connosco as suas ideias, os seus sentimentos e as suas perspectivas, sem receio e sem julgamentos. A arte é uma forma de crescimento e decidimos crescer todos juntos abraçando o nosso maior Património – a nossa cultura. Assim fomos às nossas origens, aquilo que

nos define, e encontramos várias formas de arte que nos suscitaram interesse, uma delas – o Tchiloli.

O Tchiloli é uma manifestação de teatro, de dança e de música, com origem em Portugal (no século XVI), que se tornou parte da cultura de São Tomé e Príncipe. A Tragédia do marquês de Mântua, do dramaturgo Baltazar Dias é a única peça do repertório do Tchiloli.

Após a observação de vários vídeos desta mesma forma de Arte/Cultura através dos meios de comunicação, podemos concluir que este grupo é constituído somente por homens, colocando mestiços, escravos, mascarados e fantasiados ao estilo europeu. Após tentarmos perceber de que se trata esta peça de teatro confrontamos com algumas pesquisas, de modo a ter uma melhor percepção desta peça. Mas não quisemos ficar só pelo conhecimento da cultura, surgiu a curiosidade de como é representar a mesma. Assim aventuramo-nos e recuamos no tempo e tentamos dar o nosso melhor. Percebemos que para reproduzir esta obra não bastava conhecimento, entusiasmo e carisma, mas precisávamos também de habilidade e de muito tempo dedicado



ao mesmo. Outro modo criativo de representar esta peça foi a elaboração de algumas personagens por meio de fantoches, utilizando para tal material reciclado. Para além de explorarem e conhecerem a arte do Tchiloli na sua essência, foram capazes de recriar e aplicar outra forma de arte, dando vida às personagens usando o Teatro de fantoches. Assim sendo podemos referir que Arte gera Arte e artistas engrandecem a cultura de um país.

Fascinados pelo mundo da Arte, decidimos observar um pintor/escultor São Tomense- Kwame Sousa, que num momento à priori já nos tinha fascinado com a sua visão crítica da realidade do nosso país. Portanto decidimos procurar saber mais sobre Kwame Sousa e ficamos maravilhados com a sua exposição “Reino angular”. Observamos as cores, as formas, os temas e as pinceladas (as mais suaves e até as que nos pareceu mais arrojadas). Sem dúvida que ficamos mais impressionados com o talento que possuímos no nosso país. Se há uma coisa que gostamos é de experimentar e adaptamos uma das obras do pintor/escultor. Em grande grupo achamos que era uma das melhores formas de homenagear o mesmo e o seu trabalho. Partindo da essência da obra, fizemos uma pintura com círculos usando materiais recicláveis, assim como reproduzindo as cores predominantes da nossa bandeira (verde, vermelho, preto e amarelo). Podemos afirmar, que a arte nasce em cada um de nós, só precisamos de manifestá-la.

E se vos disséssemos que a arte é o espelho da vida? Acreditariam? Pois é normal duvidar, nós também tivemos as nossas dúvidas, mas depois de ver o trabalho de Dário Pequeno, essas pequenas incertezas desapareceram. Através da fotografia, este artista retrata a vida do quotidiano e não tem como explicar a emoção/nostalgia que sentimos ao observar o mesmo. Mas a arte é assim inexplicável, pois caso contrário deixaria de ser arte. Percebemos que este fotógrafo, de descendência São Tomense, retrata pequenos momentos do quotidiano das pessoas e lugares que permitem-nos viajar no tempo, com a predominância das fotografias a preto e branco. Nesta ótica, diversos alunos atrás de uma câmara captaram momentos do quotidiano dos colegas e posteriormente compilamos as melhores fotografias e fizemos uma exposição das mesmas, intitulada Arte é o Espelho da Vida.

”

A arte é uma forma de crescimento e decidimos crescer todos juntos abraçando o nosso maior Património: a nossa cultura



Instrumentos reciclados.



Acredita-se que a educação estética e artística, (...) tenha implicações no apuramento da sensibilidade e do sentido crítico, podendo constituir uma condição necessária para um nível cultural mais elevado das populações.

A música toca-nos emocionalmente, onde palavras sozinhas não conseguem. A música não é para ser entendida, mas sim sentida. Os diversos ritmos, melodias, sons e timbres, permitem que a criança se expresse da melhor forma. Rico em musicalidade é o nosso país! Ritmos como Ússua, Socopé e o Dexe, do Príncipe, estão na essência da criação de diversas músicas de artistas de São Tomé. São vários os artistas que promovem a música deste país, tais como os irmãos Calema, a Banda África Negra, o cantor Filipe Santo ou Camilo Domingos com a sua conhecida Pufta, dança tradicional e característica deste país quente e rico culturalmente. Exaltando esta expressão artística, temos por hábito explorá-la com dedicação e entusiasmo, usando o corpo, a voz e instrumentos. Dando várias vezes aso à imaginação, criatividade e recorrendo a materiais de desperdício, as crianças são os artistas e criadores dos seus próprios instrumentos musicais. Deixamos a música falar mais alto do que os obstáculos da vida, e ao

som do cantor, São Tomense, João Seria, vocalista da banda África Negra, expressamo-nos da melhor maneira – dançamos, pois, a dança surge da alma e não dos pés. Podemos ser muito pequenos e não saber escrever, mas ao som das canções Aninha, Carambola Nova Moca e Pedlêlo deixamos a alma livre para expressar com o nosso corpo.

À escola incumbe-se a tarefa de adentrar a criança no mundo da Arte, através das brincadeiras, dos livros, das saídas de campo (galerias, museus, exposições, concertos, bibliotecas, teatros, entre outros) e das próprias atividades desenvolvidas em sala. Toda a criança nasce numa cultura e cada cultura possui os seus próprios códigos artísticos, a escola deve proporcionar não só a observação como a análise da mesma, pois através das obras podemos compreender melhor sobre os nossos costumes, tradições, e o nosso passado histórico – o nosso Património Cultural. Conhecendo o nosso património cultural conseguimos refletir, para que as

nossas ações sejam as bases de um futuro melhor. A arte está nas mais pequenas coisas e ter a capacidade de expandi-la faz a diferença dos grandes artistas.

Como refere Reboredo, as áreas de expressão artística devem fazer parte de “qualquer área de transmissão do conhecimento, para além de ser um instrumento harmonioso para a aquisição das aprendizagens, são também uma ferramenta que proporciona o incentivo dos alunos na realização de determinadas atividades que à partida para estes poderão ser difíceis de concretizar.” (Reboredo, 2003, p.15)

A Vida é uma Obra de Arte e na Escola Bambino atrevemo-nos a viver, a sentir e principalmente a expressarmo-nos de diversas formas. Arte gera Arte e artistas engrandecem a cultura de um país. Nós somos Arte, nós somos artistas!

Ana Malveiro e  
Daniela Freitas, professoras



Representando o Tchiloli.

# Destiques



## 23.º Aniversário da Escola Portuguesa de Moçambique

A comemoração do 23.º aniversário da Escola Portuguesa de Moçambique ocorrida no passado dia 25 de novembro, contou com a presença do Senhor Secretário de Estado da Educação e membros da sua comitiva, representantes da comunidade educativa e individualidades portuguesas e moçambicanas.

Durante esta visita, entre os dias 24 e 26 de novembro, o Senhor Secretário de Estado da Educação foi recebido pelo Vice-Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique o qual destacou o importante papel das relações bilaterais no sector da Educação e Formação.



## Visita do Sr. Secretário de Estado da Educação à Escola Portuguesa de Cabo-Verde

Entre os dias 15 e 17 de novembro, realizou-se uma visita do Sr. Secretário de Estado da Educação à EPCV-CELP.

Durante a visita houve a oportunidade de conhecer as instalações e interagir com alunos e docentes, tendo o SEE referido que esta escola é “um excelente exemplo de uma escola que é relativamente recente, mas que neste dia é já um marco absolutamente de grande relevância no ensino em Cabo-Verde, mas também no ensino português.”

Esta delegação contou também com a presença da Sra. Diretora-Geral da DGAE, que esteve presente na sessão solene do VI aniversário desta escola, tendo tido a oportunidade de realizar reuniões gerais com os docentes e funcionários.



## “Histórias que a História esqueceu”

Fundação Calouste Gulbenkian

Foi nosso convidado o mediador cultural Ricardo Mendes, responsável pela área das escolas, no Museu C. Gulbenkian, que nos veio falar de peças do museu, numa interpretação singular e crítica de algumas obras de arte. Fez uma abordagem multiperspetivista da História, sublinhando a diferença entre o desconhecimento de aspetos relacionados com algumas peças e os factos alternativos.

Um dos exemplos apresentados foi a cabeça de Núbia, a que o investigador e guia para as escolas atribuiu um valor acrescido de informação histórica relevante para a sua compreensão. A abordagem que faz, nas visitas para as escolas, capta a atenção e a curiosidade dos alunos para aspetos menos conhecidos e que não constam dos manuais escolares.



## Amália Rodrigues

Pela investigadora Joana Machado



Joana Machado é uma jovem investigadora da Fundação Amália Rodrigues (FAR), que se deslocou à DGAE, a convite do Gabinete de Comunicação, para falar do muito que há para descobrir sobre a fadista que trouxe os grandes poetas da língua portuguesa para o Fado, mas que também cantou em cinco línguas e em diferentes registos.

Ficamos a saber que Amália Rodrigues se opunha ao regime, mas que escreveu cartas a Salazar. De uma forma cativante e muito conhecedora, Joana Machado, que também é guia na FAR, presenteou-nos com informação interessante e muitas novidades acerca da forma como Amália Rodrigues representou Portugal nas maiores salas de espetáculo do mundo inteiro.

O Presidente da Fundação acompanhou a investigadora, louvou esta iniciativa e sugeriu colaboração futura entre a FAR e as escolas, através da DGAE.

## José Saramago “Nos passos que foram dados”

Na sequência das comemorações do ano do Centenário de J. Saramago, chegaram à Equipa de Comunicação pedidos de empréstimo da exposição, por parte de alguns AE/ENA. A primeira cedência foi para uma escola TEIP, no âmbito do estudo do romance O Ano da morte de R. Reis, do Nobel português da Literatura. Organizada pela coordenadora de Português e

pela professora bibliotecária, que testemunham o sucesso da iniciativa, os 15 painéis, muito didáticos contribuem para um conhecimento mais aprofundado do autor e da sua notável obra.

Agrada-nos colaborar com as escolas e servir as aprendizagens dos alunos!



## “Teatros à italiana de Lisboa” Exposição de aguarelas

O artista plástico, Nuno David, de nacionalidade angolana, que foi o primeiro convidado da rubrica “Palestras no 7.º” cedeu, gentilmente, à DGAE um conjunto de 10 aguarelas, ilustrando o interior e o exterior dos Teatros de Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Camões, Teatro de S. Carlos, Teatro S. Luís e Teatro da Trindade). Estiveram patentes no Hall desta Direção-Geral, à disposição de quem nos visita e recorre aos nossos serviços.

Por acreditarmos que a arte encerra um conceito de clareza e beleza estética, agradecemos a disponibilização das pinturas de espaços culturais que todos reconhecemos, magnificamente retratados pelo pincel e sensibilidade do aguarelista.



## V Centenário da Viagem de Magalhães

No âmbito da matriz de programa de comemorações do V Centenário da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, teve lugar a cerimónia de encerramento em que se destaca o contributo da circum-navegação para o fenómeno social de globalização, que desencadeou transformações inovadoras, para os dias de hoje, no desenvolvimento de trocas e serviços de nível económico social e cultural, no passado dia 7 de dezembro, no Pavilhão das Galeotas.

Neste contexto a DSEEPE destaca a participação das Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE) que permitiram aos alunos e professores o conhecimento da “Era dos Descobrimentos” numa perspetiva abrangente e envolvente, através de diferentes projetos, que evidenciam a apropriação de descobertas entre os povos sua identidade e união.



## III edição do Curso de Formação



A III edição do Curso de Formação “Do Legado da Viagem de Circum-Navegação à Cidadania Global - elaboração e aplicação de metodologias ativas em articulação curricular”, teve o seu início a 12 de novembro de 2022 em formato e-learning, abrangendo cerca de 50 docentes do Projeto PCAFE e das EPE de 5 países em África e Ásia.

Conclui-se assim o programa de formações planeadas e desenvolvidas no âmbito das Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-Navegação do navegador português Fernão de Magalhães.

# LATITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO